

IMPACTO DOS RITOS DE INICIAÇÃO *Feminina*

NO ENSINO BÁSICO DA ZONA RURAL:

um estudo de caso na escola básica de Terrene,
Posto Administrativo de Imala, 2022 – 2023

RODRIGUES DE CASTRO

IMPACTO DOS RITOS DE
INICIAÇÃO FEMININA NO ENSINO
BÁSICO DA ZONA RURAL: UM
ESTUDO DE CASO NA ESCOLA
BÁSICA DE TERRENE, POSTO
ADMINISTRATIVO DE IMALA, 2022
- 2023



IMPACTO DOS RITOS DE INICIAÇÃO
FEMININA NO ENSINO BÁSICO DA ZONA
RURAL: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA
BÁSICA DE TERRENE, POSTO
ADMINISTRATIVO DE IMALA, 2022 - 2023

RODRIGUES DE CASTRO

Belém-PA
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C258

Castro, Rodrigues de.

Impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na escola básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, 2022 - 2023 /

- Belém : Autopub Editora, 2026.

Livro em PDF

86 p.

ISBN 978-65-83093-59-2

DOI 10.46898/autopub.fff636459b27

1. ensino-aprendizagem 2. educação 3. cultura 4. ritos de iniciação feminina 5. ética e moral

I. Castro, Rodrigues de. II. Título.

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Ritos de iniciação feminina

Ficha catalográfica elaborada conforme ABNT NBR 12899 / CDD 23ª ed.

Conselho Editorial

Autopub Editora

MEMBROS DO CONSELHO

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Souza - UFOPA

Membros do Conselho

Profa. Msc. Andria Raiane Coelho Campos - SEMEC-STM

Prof. Msc. Éfrem Colombo Vasconcelos Ribeiro - IFPA

Prof. Msc. Jorge Carlos Silva - ULBRA

Profa. Msc. Vaneza Nascimento de Oliveira Mélo - FICS

Profa. Dra. Irlana Jane Menas da Silva - UEFS

Profa. Msc. Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira - UNIP

Profa. Dra. Rejane Harder - UFS

Prof. Msc. André de Araújo Moraes - UNESP

S U M Á R I O

DEDICATÓRIA	6
AGRADECIMENTOS	7
EPIGRAFE	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
RESUMO	10
I INTRODUÇÃO	11
II REVISÃO DA LITERATURA	16
III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
IV APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	44
V CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
APÊNDICES	72
ANEXOS	78
ÍNDICE REMISSIVO	83

Dedicatória

Dedico a esta dissertação a Deus, aos meus ente-queridos pais Castro Terequela e Rosa Joaquim a minha cōnjuge Cármen Luís Vianeque e aos meus filhos: Delvido Rodrigues de Castro Terequela, Risa Rodrigues de Castro Terequela, Rilton Rodrigues de Castro Terequela, Eckson Rodrigues de Castro Terequela, Rocate Rodrigues de Castro Terequela e Erickson Rodrigues de Castro Terequela.

Agradecimentos

Ao meu Supervisor PhD. Adérito Gomes Barbosa, pela entrega na orientação deste trabalho. À Academia Militar “Marechal Samora Machel” de Nampula, pela condução do curso nos dois anos de formação. À Escola Básica de Terrene, pelo acolhimento para a efetivação do estudo e a disponibilidade dos intervenientes da pesquisa. Aos colegas do curso que juntos caminhamos e deram o seu contributo e coragem nas situações económicas e académicas. E todos que directa ou indirectamente contribuiriam para o culminar deste curso. Clemências vão para todos aqueles que por lapso sentiram-se ofendidos, injuriados, injustiçados por minha causa.

Epigrafe

Osório (2015) defende que

Os ritos de iniciação são também muito violentos para os rapazes, em que com castigos inomináveis eles aprendem a ser dominadores, aprendem que depois de iniciados devem começar a preparar-se para serem homens e para proverem uma família. Para as raparigas os ritos de iniciação autorizam os pais a “casarem-nas” prematuramente. Com muita frequência este “casamento” foi combinado com anos de antecendência, sendo a sua realização determinada pelo aparecimento da primeira menarca e pela realização dos ritos. (P. 4)

Lista de abreviaturas e siglas

AM – MSM – Academia Militar – “Marechal Samora Machel”.

Fig. – Figura

GDM – Governo do Distrito de Muecate.

INDE – Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação.

INEFP – Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional.

PEA – Processo de Ensino-Aprendizagem.

PESOD – Plano Económico Social e Orçamento do Distrito

RAAL – Representante das Autoridades Administrativas Locais.

RAC – Representante das Autoridades Comunitariaas.

RDE – Representante da Direcção da Escola.

RIL – Representante dos Influentes Locais.

RMCE – Representante dos Membros do Conselho de Escola.

RML – Representante das Matronas Locais.

RMR – Representante das Mulheres Rituadas.

RPE – Representante dos Professores da Escola.

SDEJT – Serviço Distrital de Educação, Juventude e Tecnologia.

UFRGS – Universidade Federal Rio Grande do Sul.

ZIP – Zona de Influência Pedagógica.

Resumo

A presente dissertação discute a temática sobre o “Impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na Escola Básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, 2022 – 2023, o intuito era de analisar o impacto deste ritual cultural e tradicional, tomando-o como foco as consequências que possam repercutir na sociedade, na vida política, social, profissional e académica das alunas após a submissão no processo. Nele, foi usado o método qualitativo de natureza explicativa. Tratou-se de um estudo de campo envolvendo 8 pessoas através da entrevista semi-estruturada, observação-não-participante e análise documental. Neste contexto, percebemos que os ritos de iniciação feminina nas zonas rurais têm efeitos positivos por um lado, uma vez que prepara as meninas para uma vida sociocultural aceite na comunidade (respeito ao próximo, quebra de mitos sexuais, higienização corporal, etc. e fatais por outro, uma vez que os estimula a vulnerabilidade sexual, as uniões e grávidas precoces, desistência escolar, fraco aproveitamento pedagógico, etc. Dai que, foram deixadas sugestões para o Governo, a Escola e a Sociedade em geral. De igual modo, foram sugeridas algumas estratégias consideradas eficazes como a calendarização do processo, a definição da idade cronológica mínima, normalização do processo, necessidade de criação de taxas de cobrança, da necessidade de higienização, a construção de centros de promoção da cultura, a selecção e transmissão de conteúdos construtivos e a capacitação das matronas locais para a melhoria do processo que devem ser observadas pelo Governo local assim como a sociedade civil.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, educação, cultura, ritos de iniciação feminina, ética e moral.

Abstract

This dissertation discusses the theme of the “Impact of female initiation rites in basic education in rural areas: a case study at Basic School of Terrene, Administrative Post of Imala, 2022 – 2023, the aim was to analyze the impact of this ritual cultural and traditional, focusing on the consequences that may have repercussions on society, political, social, professional and academic lives of the students after submission to the process. In it, the qualitative method of explanatory nature was used. It was a field study involving 8 people through semi-structured interviews, non-participant observation and document analysis. In this context, we realized that female initiation rites in rural areas have positive effects on the one hand, as they prepare girls for a sociocultural life accepted in the community (respect for others, breaking sexual myths, body hygiene, etc. and fatal on the other, as it encourages sexual vulnerability, early marriages and pregnancy, dropping out of school, poor educational performance, etc. Some strategies considered effective were suggested, such as scheduling the process, defining the minimum chronological age, normalization of the process, the need to create charging rates, the need for hygiene, the construction of cultural promotion centers, the selection and transmission of constructive content and the training of local matrons to improve the process that must be observed by the local government as well as civil society.

Keywords: teaching-learning, education, culture, female initiation rites, ethics and morals.



INTRODUÇÃO



I. INTRODUÇÃO

1.1. Nota introdutória

Os ritos de iniciação feminina é uma prática cultural que se realiza nas instituições culturais das comunidades locais como forma de acrescer um certo valor socio cultural às raparigas com idade menor para um aprendizado sexual violando, porém, as leis sociais porque irá conduzir a uma união e gravides precoce. Osório (2015) diz que as raparigas na sua maioria com idade dos 11 e 12 anos são submetidas aos ritos de iniciação e por intermédio de canções, manipulam objectos “postigos” do sexo masculino e fazem simulação da relação sexual e são preparadas a assumir o homem como seu “dono” e como seu patrão no entanto chefe da família. Neste contexto, o aprendizado e olhando pela idade cronológica das instruendas presumisse que há uma violação dos direitos humanos e da criança em particular uma vez que insta a práticas de actos sexuais fora da idade cronológica aceitável pela lei “18 anos”. A prática dos ritos de iniciação feminina não é de hoje, porém, é uma actividade que vem desde os tempos remotos e continuará para sempre porque transmite valores morais e éticos por um lado que devem ser aprimorados e conservados para o futuro, no entanto existem aspectos que devem ser melhorados durante o processo. Foi nesta perspectiva que pretendíamos perceber que impacto tem os ritos de iniciação feminina no ensino básico das zonas rurais. Sendo o nosso foco a análise do impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico das zonas rurais. O estudo surgiu na sequência de que os ritos de iniciação feminina constituem a ruptura da infância e incorporação na idade adulta, isto é, a morte da infância e ressurreição da idade adulta e tem como finalidade, introduzir os jovens no domínio da sexualidade, do matrimónio, da procriação e da vida familiar. Para tal, apresentamos em quatro capítulos a destacar: i. Introdução, onde encontram-se o tema, a problematização, objectivos e justificativa; ii. Revisão da literatura, onde falamos do processo de ensino-aprendizagem, educação e ritos de iniciação feminina sendo este último o objecto de estudo. Igualmente falámos da ética e moral como juizes de valores sobre os ritos de iniciação feminina; iii. Procedimentos metodológicos, neles falamos da metodologia, das técnicas e instrumentos de recolha de dados, a descrição da área de estudo e apresentamos as questões éticas; iv. Fizemos a apresentação, análise e discussão dos dados sobre os ritos de iniciação feminina nas zonas rurais onde foram apresentados, analisados e discutidos os resultados obtidos sobre os impactos dos ritos de iniciação feminina na zona rural. Por fim apresentamos as sugestões, conclusões e referencias bibliográficas.

1.2. Problematização

Ao considerarmos o pensamento catentiano que a problematização é a parte do projecto cujo investigador explica o problema que pretende solucionar como é o caso do impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico na zona rural tendo como foco a Escola Básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, no período compreendido entre os anos de 2022 – 2023.

É do domínio público que os ritos de iniciação feminina é uma prática cultural de educação tradicional vulgo “*imwali*” com maior destaque para o povo macua o qual transforma a rapariga da idade socialmente menor para a idade adulta. De acordo as fontes (matronas) sustentam que as meninas são atribuídas competência de adulta pese embora existem três faces meramente distintas cujas na sua maioria não são cumpridas em separado por vários motivos e nesta ordem de ideias são, educadas a higienização após a primeira menstruação, a forma como cuidar/tratar um marido e na última fase são instruídas como cuidar um lar, naturalmente participa nesta última uma mulher/mãe casada e junto com o seu marido.

De acordo os dados estatísticos dos relatórios balanços anuais de 2022 e de 2023, ambos do Governo do Distrito, Muecate em 2022 foram matriculados 5,839 alunos dos quais 2,516 mulheres destes 791 desistiram as aulas sendo **319** mulheres equivalentes a **5,5%**. Outrossim, em 2023 das 55 escolas do Ensino Primário 8 escolas requalificadas à Escolas Básicas a luz da Lei nº 18/2018, de 18 de Dezembro, onde foram matriculados 5,978 alunos da 6ª a 7ª classes destes, 2.613 raparigas. Até no 1º semestre desistiram **58** alunos dos quais **23** raparigas na ordem de **39,7%**. Das mulheres ora desistidas são da faixa etária de 11 a 15 anos. No entanto, os ritos de iniciação feminina realizam-se a qualquer período do ano facto que preocupa as autoridades administrativas locais uma vez que o seu envolvimento no processo é menor visto que é uma actividade meramente da liderança tradicional. Nesta ordem de ideias presumia-se que a maioria das meninas rituadas não regressam às aulas. Igualmente imaginava-se que os ritos de iniciação feminina constituem a ponte das uniões precoces cujas têm consequências fatais na sociedade e podem contribuir na submissão da mulher ao homem. É com isso que nos remeteu a uma série de equívocos para uma pesquisa científica na qual pretendíamos apurar a veracidade dos factos ora apresentados, uma vez que Ciscato (2012) diz que os ritos de iniciação tem como finalidade, introduzir os jovens no domínio da sexualidade, do matrimónio, da procriação e da vida familiar, pese embora sejam também transmitidos outros valores morais/culturais como a quebra dos tabus, do mau agouro, o respeito aos mais velhos, a higienização pessoal e o tratamento personalizado da mulher para o homem e vice-versa isto

presumia-se que seria um percalço se os conteúdos abordados fossem proporcionados de acordo a faixa etária de cada grupo social.

No entanto, os ritos de iniciação, segundo Martinez (2009) apresentam-se em três dimensões a citar:

Os ritos de iniciação são, em primeiro lugar, ritos de separação, com os quais o indivíduo abandona o seu anterior estado social, a infância; em segundo lugar, são ritos liminares, pelos quais o indivíduo vive uma particular transformação da sua personalidade em clima de separação física e social; e, em terceiro lugar, são ritos de incorporação na situação normal da sociedade, pelas quais o iniciado ao deixar atrás de si o período marginal e ambíguo se agrega a vida social, na nova condição de adulto, membro da comunidade para todos os efeitos (p. 94).

Assim, consideramos o cenário vivenciado na comunidade rural residente arredores da escola básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, como sendo um problema que merecia uma intervenção científica que possa sugerir algumas soluções proeminentes, concretos pontuais. Obviamente, as crianças carecem de uma protecção dos seus direitos e deveres.

Como nos referimos anteriormente presumia-se que o maior número de abandono escolar das raparigas, insucesso escolar, uniões prematuras a submissão da mulher ao homem é consequência dos ritos de iniciação feminina. É nesta ordem de ideias que se levantava a seguinte questão de pesquisa: que Impacto têm os ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na escola básica de Terrene do Posto Administrativo de Imala, 2022 – 2023?

1.3. Objectivos de pesquisa

Vieira (2000) diz que são os resultados que precisam de ser alcançados para a construção de toda a demonstração. Marconi e Lakatos (2003) afirmam que “o objectivo torna explícito o problema da pesquisa, aumentando os conhecimentos sobre determinado assunto” (p. 24) e podem ser expressos em dois grupos: gerais e específicos.

1.3.1. Objectivo geral

- ✓ Analisar o impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural.

1.3.2. Objectivos específicos

- ✓ Identificar a faixa etária das raparigas rituadas e os conteúdos abordados pelas matronas;
- ✓ Avaliar os conteúdos dos ritos de iniciação feminina com a faixa etária das raparigas;

- ✓ Explorar a periodicidade da realização dos ritos de iniciação feminina; e
- ✓ Colher estratégias consistentes de realização dos ritos femininos na zona rural.

1.4. Justificativa

O factor motivacional desta pesquisa assenta-se no interesse de analisarmos de forma criteriosa e metódica o impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico na zona rural para que haja maior domínio público e de forma científica da temática e relaciona-los com o processo de ensino-aprendizagem no Posto Administrativo de Imala distrito de Muecate.

De certeza, o tema já foi discutido por vários autores de forma genérica, portanto, femininos e masculinos, isto é, como um processo de transformação da idade da criança à idade adulta assim como de higienização e prevenção do HIV/SIDA e não trazem de forma clara como o processo é e como deve ser tratado de forma a juntar o útil e o agradável de modo que não haja colisão entre a educação tradicional e a educação formal administrada nas instituições escolares públicas e privadas porque o fenómeno de absentismo da rapariga nas escolas e uniões precoces prevalecem de forma gradual sem explicação clara das reais motivações. As incertezas nos conduziram a uma pesquisa científica de modo a aferirmos a veracidade causal.

Face às proposições acima, julgava-se que o tema é de extrema importância porque, ao nível das escolas e as comunidades rurais, contribuiu na consciencialização da comunidade, as matronas, a liderança tradicional e a liderança administrativa a definirem a idade mínima de participação nos ritos de iniciação feminina e administração de conteúdos que vão de acordo a faixa etária da rapariga assim como a calendarização do processo e isto obviamente, contribuirá na redução do abandono escolar, nas uniões precoces antes de concluírem o ensino obrigatório do Sistema Nacional de Educação em vigor no país (1ª à 9ª Classes) e submissão da mulher ao homem. Ao nível académico irá contribuir para novas investigações. E ao nível do Governo poderá definir estratégias de inclusão no Sistema Nacional de Educação conteúdos de Educação Tradicional que possam acrescentar um certo valor moral e de impacto directo e imediato às comunidades rurais do Posto Administrativo de Imala, distrito de Muecate, província de Nampula e do País em geral.

II

REVISÃO DA LITERATURA

II

II. REVISÃO DA LITERATURA

Neste Capítulo, fazemos a apresentação da revisão da literatura de acordo com os teóricos que abordam sobre a temática em estudo o que permitiu de um modo geral e de âncora para a compreensão da realce problemática dos ritos de iniciação feminina, sua influência no processo de ensino-aprendizagem e sua relevância na comunidade em particular da zona rural. É neste contexto que destacamos os seguintes termos: ensino-aprendizagem, educação, cultura, ritos de iniciação feminina, sendo este último o objecto de estudo da presente pesquisa. Igualmente, falamos da ética e moral como juízes de valores sobre os ritos de iniciação feminina.

2.1. Processos cognitivos

Para melhor compreensão deste termo foi necessário discutir em separado e depois fazer a fusão. Daí que primeiro conceituamos os termos ensino, aprendizagem e depois fizemos a fusão de ensino-aprendizagem.

2.1.1. Ensino

Segundo Libâneo (2013), "o ensino corresponde as acções, meios e condições para realização da instrução. É o principal meio e factor da educação ainda que não o único" (p. 22). Para Chamon e Sales (2012), o "ensino é principalmente ligado ao lado operacional do método e ao aspecto institucional da actividade. O ensino ocorre num quadro institucional, com métodos bem definidos e profissionais qualificados. Ensinar está ligado a aprender, a explicar, a mostrar e demonstrar" (p. 169). Haydt (2011) defende que o "ensino é uma acção deliberada e organizada. Ensinar é a actividade pela qual o professor, através de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos" (p. 13).

Hurtado (2018) compreende o ensino sendo uma técnica fundamentada, isto é, a prática docente que necessita uma explicação científica por parte do professor e esta explicação é oferecida pela Psicologia. A teoria de aprendizagem explica o processo que segue o sujeito que aprende. Dai que descobrir este processo implica uma certa normatividade para o ensino pelo que ademais tem uma importância fundamental a explicação do processo já que na educação os processos são mais importantes que os resultados.

Nesta ordem de ideias, subscrevemo-nos ao pensamento libaneano (2013) ao afirmar que o ensino são as acções, meios e condições para a realização da instrução. Face a este pensamento libaneano (2013) remete-nos mais uma vez a um equívoco de o que seria então uma instrução?

Na perspectiva de resposta desta questão, apraz-nos mais uma vez discutirmos a questão através de mais um subcapítulo de instrução.

2.1.2. Instrução

Libâneo (2013) diz que "Instrução é a formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas e mediante de certo nível de conhecimentos sistematizados" (p. 22). No mesmo aspecto, para Chamon e Sales (2012), a "instrução são os conteúdos que devem ser transmitidos. Trata-se de transmitir informações a fim de desenvolver o espírito e o intelecto" (p. 169). E Haydt (2011) diz que a instrução deve ter por base a observação ou percepção sensorial e começar pelos elementos mais simples e deve despertar no aprendente o interesse pelas matérias de estudo.

Nesta ordem de ideias, Haydt remete-nos a compreender que a instrução tem mais realce no aprendente porque promove o interesse e facilita o aprendizado porque realiza subcomando dos 5 órgãos dos sentidos (visão, audição, olfacto, paladar e tacto) e devem ter um impacto directo e imediato no aprendente, na comunidade e acima de tudo nas famílias. Neste fio de pensamento acredita-se que a instrução tem maior valor e aplicabilidade no processo dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais porque o aprendizado tem aplicação e impacto imediato.

2.1.3. Aprendizagem

Segundo Piletti (2004), a aprendizagem é o "processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir" (p. 36). Na óptica de Haydt (2011), a "é um processo dinâmico, que depende da actividade mental do educando e que se dá por meio da mobilização dos seus esquemas de pensamento" (p. 26). Luckesi (1999) diz que aprender é "modificar suas próprias modificações; daí que apenas só se aprende o que tiver significativamente relacionado com essas percepções" (p. 60).

Estas discussões submetem-nos ao pensamento de Luckesi considera a aprendizagem como sendo um processo de modificar as suas próprias modificações e que tenha um significado na vida social, como se tem dito que o indivíduo aprende o que lhe interessa e que saiba a sua aplicabilidade na vida socioprofissional. Isto nos comove a mais uma suposição que quando as meninas são rituadas aprendem diversos conteúdos de aplicação imediata como forma de mostrar sua inserção numa nova vida social e a sua transformação psicológica da criança a vida adulta onde automaticamente inicia a desempenhar o papel de "mulher" e isso pode

promover as uniões prematuras, gravides precoce, contágio de doenças de transmissão sexual, abandono escolar, aumento da pobreza e do desemprego, e outros fenómenos fatais.

2.1.4. Ensino-aprendizagem

De princípio, ensino-aprendizagem é um processo que se designa por Processo de Ensino-Aprendizagem (PEA). E sendo um processo de ensino-aprendizagem Caldeira e Azzi (2003) afirmam que “é um processo intencional, uma actividade humana desenvolvida em acção conjunta pelos autores sociais neles envolvidos” (p. 99).

No entender de Menengola e Sant’Anna (2002), o processo de ensino-aprendizagem é uma acção intencional e programada que envolve o professor e o aluno em processos de análise, reflexão, previsão e tomada de decisões no sentido de contribuir para a formação de pessoas autónomas e críticas, tornando-as capazes de escolher seus caminhos.

Por sua vez Libâneo (2013) diz que o processo de ensino-aprendizagem são duas facetas da mesma moeda que consiste na actividade do professor e do aluno, isto é, é um processo de reciprocidade na qual se destacam o papel dirigente do professor e a actividade dos alunos.

Nesta ordem de ideias, subscrevemo-nos no pensamento de Caldeira e Azzi que consideram ensino-aprendizagem como sendo uma acção intencional ou uma actividade humana e desenvolvida de forma conjunta, portanto, o PEA é uma actividade particular que se distingue pelas suas características próprias, sendo: social e educativo, de desenvolvimento da personalidade, dinâmico, dialéctico, sistemático, planificado e regido por leis, regulamentos e normas sociais. O processo de ensino-aprendizagem pode ocorrer a qualquer lugar (no trabalho, no transporte, no convívio social, na família, etc.) ou em locais especializados (instituições legitimadas para o efeito – Escolas, Institutos, Centros de Formação, Universidades, etc.). Por esta senda, o Processo de ensino-aprendizagem que ocorre durante os ritos de iniciação feminina nas zonas rurais pode ser fatal por um lado e benevolente por outro de acordo o contexto versos situação.

2.2. Educação

Segundo Haydt (2011), a "educação vem do latim *educare* que significa fazer sair, conduzir para fora" (p. 12). Neste contexto, refere-se ao desenvolvimento das aptidões e potencialidades de cada indivíduo, tendo em vista o aprimoramento de sua personalidade cognitiva, afectiva e psicomotora.

Libâneo (2013) defende que a educação "compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples facto de existirem socialmente" (p. 15) no entender de Chamon e Sales (2012) diz que a educação é "nível ou de elevação de nível. Trata-se de uma significação não específica que designa tanto um desenvolvimento intelectual quanto físico ou moral" (p. 169).

Libâneo (2013) defende ainda que a educação "ocorre em instituições específicas, escolares ou não, com finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma acção consciente, deliberada e planificada, embora sem separar-se daqueles processos formativos gerais" (p. 15). É neste fio de pensamento lógico que acreditamos que a educação serve de suporte, requisito e pivete de todas formas de educação e inter-relacionam-se, sejam elas: escolar e extra-escolar, política, cultural, religiosa, social, económica, etc. na praxis intencional e não intencional, formal e não formal, de âmbito prático ou teórico com vista a moldar o Homem para uma vida socioprofissional aceite na comunidade e meio onde está inserido. Obviamente a educação oferecida as raparigas no processo ritual feminino permitem aprimorar conhecimentos que são tradicionais que devem ser protegidos como: a higienização pessoal e colectiva, o respeito aos mais velhos, maquiagem, a indumentária, a gastronomia, o uso de rícinos e missangas. E os arcaicos devem ser descartados como: a educação sobre a prática de sexo e ao tratamento personalizado ao homem a menores de idade porque há tendência de experimentá-los, uma vez que o conhecimento se torna mais válido quando aplicado na vida prática.

2.2.1. Finalidades de educação

De acordo com Nérici (1990), a educação deve ter como propósito formar o homem consciente, eficiente e responsável, isto é, o homem que conhece, que sabe actuar, que é sensibilizado por profundo respeito a tudo que existe e, principalmente, pelos seus semelhantes, orientando, assim, o seu comportamento por valores sociomoraes.

Conforme Delors (1996), cabe à educação fornecer as pessoas as bases culturais que lhes permitam decifrar na medida do possível as mudanças em curso, o que supõe a capacidade de operar uma triagem na massa de informações, a fim de melhor interpretar e de reconstituir os acontecimentos inseridos numa história de conjunto. Este autor salientou ainda que para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da

compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas, finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.

Nas sociedades espera-se que qualquer um dos indivíduos que a compõem apresente nos diferentes meios de convivência: conhecimentos, atitudes e comportamento à sua idade cronológica, intelectual e biológica devendo estar enquadrado nos parâmetros políticos, económico e cultural do meio pelo qual ele pertence. Em suma, a finalidade de educação é o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver com os outros e aprender a ser. Como se diz em gíria popular “nem tudo que brilha, é ouro”, portanto, há necessidade de seleccionar o útil e o agradável porque nem toda educação oferecida é bem-vinda na idade cronológica onde a pessoa se encontra e no meio envolvente.

2.2.2. Tipos e modalidades de educação

De acordo Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação (INDE) (2012), “a educação subdivide em 2 tipos: intencional e não intencional e 3 modalidades: formal, não formal e informal” (p. 12). Barbosa (2007) divide em três: formal, não formal e informal. Para Perez (2013) diz que existem “quatro modalidades teórico-práticas de educação, a saber: não intencional ou informal e intencional, que se desdobra em formal ou escolar e não formal (p. 374).

2.2.3. Educação intencional

Para INDE (2012), a educação intencional é aquela que é dirigida para um fim previamente estabelecido pela organização com alguma intenção ou propósito, implicando objectivo político-ideológico e socioculturais explícitos e esta compreende a modalidade formal e não formal” caso específico da Academia Militar que tem a missão de formar profissionais em diversas áreas do saber científico para servir a sociedade moçambicana como por exemplo: Gestão e Desenvolvimento de Recursos Humanos, Psicopedagogia, Relações Internacionais, Defesa e Segurança, Administração e Regulação de Educação, Administração Pública, Gestão e Logística Empresarial, Engenharia de Comunicações (Edital da AM “MSM”, 2024). Libâneo (1990) diz que “a educação intencional é aquela que se refere a influências em que há intenções e objectivos definidos conscientemente, como é o caso da educação escolar e extra-escolar” (p. 17).

Para Perez (2013), a educação intencional

É aquela em que há um esforço explícito e declarado no sentido de ensinar de modo estruturado, planejado e sistemático, por parte de um agente educativo (indivíduo que deseja ensinar algo, como professores, monitores, educadores, mediadores), que declara as suas intenções àquele que aprende ou o aprendiz ou aluno, o qual, por sua vez, deve ter consciência da sua inserção e participação no processo educativo, realizando, idealmente, um esforço ou mostrando-se disposto a construir a aprendizagem de forma activa (p. 378).

Nesta ordem de ideias, nos associamos em INDE ao afirmar que a educação intencional que é feita por uma instituição e tem objectivos previamente estabelecidos.

2.2.4. A educação intencional formal

No entender do INDE (2012), a educação intencional formal é aquela que é oferecida num sistema escolar rigidamente estruturado e institucionalizado. Seus objectivos estão cronologicamente planificados, visando a atribuição de uma certificação a um indivíduo ou grupo deles que esteja numa determinada situação e sociocultural. Citamos como exemplos os cursos de curta duração e de especialização oferecidos nas Universidades.

Gadotti (2005) afirma que esta modalidade de educação se realiza nas escolas e nas universidades, sendo por isso designadas ainda por educação escolar, é metodicamente organizada seguindo um currículo, regras e leis de âmbito nacional, dividida em disciplinas e classe de conhecimento, é uma modalidade de educação que culmina com a obtenção de certificado de habilitações.

Segundo Perez (2013) diz que a educação intencional pode ser subdivida em duas sob modalidades formal e não formal e considera a formal “aquela realizada nas escolas, públicas e privadas, com a presença de agentes educacionais profissionais (professores, gestores e demais funcionários da escola), com objectivos de ensino explícitos, e alunos com consciência da sua participação e suposto comprometimento no processo educativo” (p. 379).

As características da modalidade de educação formal, acima mencionadas, levam-nos a entender que na educação formal predomina a concepção conductista ou tecnicista da educação, visto que, há semelhança nos aspectos característicos, sobretudo a planificação de padrões de comportamento, a divisão do conhecimento em disciplinas e classes, o ensino sistemático de conteúdos pelo professor e a obtenção de certificado de habilitações. Pois, na concepção conductista da educação o propósito centra-se na “preparação de recursos humanos, ou seja, de mão-de-obra qualificada” para o mercado de trabalho.

2.2.5. A educação intencional não formal

INDE (2012) considera a educação intencional não formal aquela que possui baixo grau de estruturação e sistematização implicando interações pedagógicas flexíveis, fora do sistema formal de ensino, casos dos cursos de capacitações profissionalizante de curta duração e de orientação como é o caso do Centro Provincial de Recursos Digitais (CPRD) – Informática, Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional (INEFP) – Meios-frios.

De acordo com Gohn (2006), a educação intencional não-formal ocorre em ambientes e situações interactivos construídos colectivamente, segundo directrizes de determinados grupos em que as pessoas participam de forma optativa com uma intencionalidade na sua acção e no acto de transmitir ou trocar conhecimentos, enfatiza o compartilhamento de experiências no grupo.

Trata-se de uma modalidade de educação que pode ocorrer em forma de seminários, “*workshops*” ou trabalhos de campo, em centros culturais, jardins botânicos ou zoológicos, museus de arte ou de ciências, em praças e feiras.

De acordo Perez (2013), a educação intencional não formal é aquela que:

É estruturada e promovida por indivíduos, grupos ou organizações que compreendem a necessidade de realizar de modo estruturado e intencional o ensino de determinados conhecimentos ou saberes e práticas, voltado para pessoas e grupos que, deliberadamente, buscam construir aprendizagens que lhes sejam significativas (p. 386).

Relativamente a educação não-formal não se baseia na Lei do Sistema Nacional de Educação e é orientada por directrizes de um grupo particular de pessoas e para educandos que não estão oficialmente matriculados na escola, por isso considera-se extra-escolar e não formalizada, sem certificação ou com certificação não oficial, no entanto, é um tipo de educação organizada, intencional, deliberada e sistematizada nos seus objectivos, conteúdos e programas.

2.2.6. A educação não-intencional

A educação não-intencional “é aquela que tem um fim socializador do individuo e os seus objectivos são espontâneos e ilimitados em termo de tempo, local e momento de ocorrência” (INDE, 2012, p. 13). Este tipo de educação é dada por pedagogos ocasionais, nos transportes públicos de passageiros, na rua, nos locais de convívio social, nos órgãos de comunicação social de massa, (televisão, rádio, redes sociais), etc. para Libâneo (1990) “a educação não-intencional refere-se às influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos” p. 17).

Perez (2013) defende que

A educação não intencional ou informal é aquela que acontece em situações diversas da vivência humana, em que não há organização, intencionalidade ou preparação do processo de ensino, assim como não se observa a consciência e a preparação explícita de um indivíduo ou grupo de pessoas para a aprendizagem e a construção de saberes (p. 376).

Nesta senda nos subscrevemos com o INDE ao afirmar que este tipo de educação tem um fim socializador do indivíduo e ocorre a qualquer meio e grupo social.

2.2.7. Educação informal

Cascais (2014) diz que a educação informal é um processo contínuo por meio do qual cada pessoa adquire e acumula naturalmente saberes e habilidades, a partir das experiências diárias e da sua exposição ao meio envolvente, é assim “um processo permanente e não organizado”. Portanto, constitui uma modalidade de educação não formalizada nem intencional ou sistemática, embora em determinados contextos possa ter um certo nível de intencionalidade e sistematização, como no caso da educação familiar e religiosa.

Segundo Aranha (2000) diz que mesmo a educação na família é intencional, deliberada, não é tão organizada, planejada ou controlada como é (ou deveria ser) na escola”. Ela ocorre durante o processo de socialização das pessoas em espaços da família, vizinhos, clube, lazer, entretenimento por meio de livro ou televisão, das igrejas em casos de cultos e até na escola entre os grupos de amigo.

Consequentemente, é uma modalidade de educação que não oferece nenhum tipo de certificação e que de um modo geral é ocasional, tal como referiu Aranha (2000), ao dizer que a educação informal é assim chamada “por não ser organizada, mas casual e empírica, exercida a partir das vivências e com base no bom senso”. O facto da educação informal se basear nas experiências diárias e nas vivências da pessoa, também por ter um carácter de espontaneidade, leva-nos a entender que nela predomina a concepção psico-cognitiva da educação, como nos remete Gago (2012), ao considerar que a pessoa “vai construindo gradualmente o conhecimento da realidade seguindo um modelo próprio”, ela vai organizando e relacionando o novo conhecimento com os previamente adquiridos e em seguida armazena o novo conhecimento na estrutura mental.

2.2.8. A educação não intencional-informal

Na óptica do INDE (2012), a educação não intencional informal é um processo contínuo de transmissão e aquisição de conhecimento e competência que não se localizam em nenhum quadro institucional. Isto é, um processo de produção e reprodução da vida social humana através da qual as gerações adultas repassam as mais novas os conhecimentos, experiências, atitudes, valores, comportamentos e práticas produtivas e culturais da humanidade. A título de exemplo, são os ritos de iniciação feminina e masculina. Libâneo (1990) diz que a educação não formal intencional é são “os processos de aquisição de conhecimento, experiências, ideias, valores, práticas, que não estão ligados especificamente a uma instituição e nem são intencionais e conscientes” (p. 17). Neste fio de pensamento, subscrevemos em INDE ao afirmar que é um processo contínuo de transmissão e aquisição de conhecimentos e competências feitas pelas gerações mais experientes para as gerações menos experienciadas.

2.2.9. Educação tradicional

A educação tradicional para INDE (2012) “é aquela em que os seus membros ou praticantes partilham, de geração em geração, valores, símbolos, ideias, objectos, costumes, hábitos, sentimentos, práticas e demais significados visando a perpetuação e continuidade da cultura de forma individual ou colectiva” (p. 17). Ela ocorre através da educação não-intencional ou informal em locais de prática religiosas, cultos aos espíritos dos antepassados e de produção artísticas nos meios familiar e comunitários, das zonas rurais, per urbana e urbana (*makeya*, cultos em locais históricos ou similares, evocação dos antepassados, etc. Libâneo (1990) afirma que a educação tradicional é um “processo de prover os indivíduos dos conhecimentos de experiências culturais que os torna aptos a actuar no meio social e a transforma-lo em função de necessidades económicas, sociais e políticas da colectividade” (p. 17). Nesta ordem de ideias, subscrevemos em Libâneo que foi mais sintético e objectivo ao afirmar que ela é um processo de transmissão de valores, hábitos e costumes culturais de uma sociedade.

2.2.10. Importância da educação no desenvolvimento humano

Libâneo (1990) afirma que é através da “acção educativa que o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação activa e transformadora em relação ao meio social” (p. 17). Haydt (2011) defende que “a educação como um facto social, possibilita que as aquisições culturais do grupo sejam transmitidas às novas gerações, contribuindo, assim, para a subsistência do grupo como

tal” (p. 12). Neste pensamento subscrevemos em Haydt ao afirmar que a educação tem um valor imprescindível e imensurável na sociedade porque ela molda a humanidade e é o principal instrumento impulsionador do desenvolvimento humano em qualquer sociedade e geração. Portanto, o homem enriquece os valores culturais e morais da sua comunidade e ao mesmo tempo assume responsabilidades sociais relacionadas com a preservação da sua herança linguístico-cultural, a defesa da justiça social, a protecção do meio ambiente, a tolerância para com as diferenças pessoais de natureza sexual, físico-mental político-ideológica, religiosa, étnico-linguística, racial e outras, combatendo, ao mesmo tempo, as atitudes e comportamentos preconceituosos e discriminatórios. Os ritos de iniciação feminina são um processo de educação, ou seja, de transmissão de valores e crenças culturais socialmente aceites e outras obviamente que não.

Estamos cientes que todo tipo de educação é válida quando é aceite na sociedade onde ela ocorre. No entanto queremos salientar que os ritos de iniciação feminina que se enquadram na educação tradicional no entanto formal, eles são obviamente importantes por isso devem ser mantidos nos moldes de valoração da cultura local e transmissão de comportamentos positivos.

2.3. Cultura

Segundo Cuchê (cit. em Canedo, 2009) afirma que cultura “é a soma de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade considerada como totalidade ao longo da sua história”. (p. 7). Para Albuquerque (2009), a cultura “é o conjunto formado por nascimento, posição social, educação, e criação que se trataria ideias e comportamento” (p. 224). Ciscato (2012) diz que tradicionalmente, a cultura é o modo de vida de um povo. Laraia (2003) define cultura como sendo “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura” (p. 68). Na mesma senda, Needham (cit. Laraia, 2003) defende que “podemos deduzir da analogia de formulada porque cada cultura ordenou a seu modo o mundo que a circunscreve e que essa ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais” (p. 92).

Nesta ordem de ideias, nos subscrevemos em Cuchê que considera a cultura como sendo uma soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade ao longo da sua história, portanto, junta o passado e o presente. A cultura é algo que se transmite de geração em geração e é moldada. É uma espécie de comportamento que determina o que é considerado adequado

ou não em uma sociedade em relação aos demais no comportamento as acções são mediadas por aquilo que recebemos através da socialização. E no mundo actual a cultura é uma rede de significados, sobre a qual as pessoas descasam. Isto é onde os Homens vivem um ambiente por eles criado para uma convivência sã e harmoniosa.

Nesta senda, apraz-nos juntar o útil e o agradável dos ritos de iniciação feminina com a cultura visto que ambos transmitem e aprimoram conhecimentos, normas sociais, hábitos e costume, crenças, artes, moral, leis sociais, práticas, técnicas, símbolos e valores que devem ser transmitidos e praticados pelas novas gerações e certamente identifica-se com a cultura popular.

2.3.1. Finalidades da cultura

Se concordamos que a cultura “é a soma de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade considerada como totalidade ao longo da sua história” como nos remete Cuchê (cit. em Canedo, 2009, p. 7). Igualmente em Albuquerque (2009), ao afirmar que a cultura “é o conjunto formado por nascimento, posição social, educação, e criação que se trataria ideias e comportamento” (p. 224), no mesmo pensamento em Ciscato (2012) diz que tradicionalmente, a cultura é o modo de vida de um povo então podemos concluir que a cultura tem como finalidade regular a nossa convivência e nossa comunicação em sociedade. Obviamente, a população de Muecate acredita na existência de uma força sobrenatural e creem que os antepassados têm poderes de ajudar os vivos a superar as dificuldades e crises sendo os “*Muenes*” e os curandeiros os intermediários da comunicação através de cultos tradicionais. Razão pela qual há necessidade de traçar regras no processo de ritual de modo que não infringimos as regras de convivência social de modo a construirmos uma sociedade culta.

2.3.2. Tipos de cultura

Existem 7 tipos de cultura, nomeadamente: *i.* de massa que é um conjunto de ideias e de valores que se desenvolvem tendo como ponto de partida a mesma média, notícia, música ou arte. *ii.* de erudita que resulta do conhecimento adquirido por meio da pesquisa e do estudo nos mais diferentes campos. *iii.* popular que é intimamente relacionada com as tradições e os saberes do povo, por exemplo: as festas, o folclore, a arte nata, as músicas e a dança. *iv* material, ela representa o conjunto de património cultural e histórico formado por elementos concretos que ao longo do tempo foram construídos pelo ser humano (igrejas, museus, biblioteca) e os objectos de uso pessoal e colectivos (obras de arte, utensílios, vestimenta). *v.* imaterial que é formada pelos elementos intangíveis (tradições, técnicas, hábitos, comportamentos, costumes e modos de fazer

de um determinado grupo, (as lendas folclóricas, as feiras populares, os rituais, as danças, a culinária, etc.) **vi.** organizacional ou corporativa é o conjunto de elementos associados e comportamentos de uma determinada organização. **vii.** grupal é aquela que analisa o comportamento dos seres humanos em seu diferente grupo (danças, jogos, actividades, comportamento sexual e festival)¹. Estes tipos de cultura fluem em todos processos de ritos de iniciação feminina directa ou indirectamente.

2.3.3. Importância da cultura

Gil (cit. em Filipe, 2011), afirma que a cultura compreende um conjunto de forças importante que influenciam o comportamento humano, isto é, molda o Homem para um comportamento ou um agir aceitável numa sociedade ou grupo. Laraia (2003) defende que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura” (p 68). Neste fio de pensamentos apraz-nos a subscrever que a cultura é algo importante para uma sociedade porque ela permite o aprimoramento de um conhecimento, normas sociais, hábitos e costume aceitáveis dentro de uma sociedade justa. Por isso, o processo dos ritos de iniciação feminina deve ser cuidadosamente realizado subrisco de moldar a humanidade com um comportamento humanamente desajustado.

2.4. Ritos de iniciação

Bonnet e Ivala (1999) dizem que os ritos de iniciação são encarados como uma prática que prepara os jovens para uma vida adulta seguindo diferentes modelos, isto é, a maneira como os indivíduos irão se comportar na fase adulta tendo como base diversos tipos de ensinamentos apreendidos durante os ritos de iniciação onde estes irão influenciar também na sua forma de pensar e agir. São também entendidos como uma importante via para a transmissão às novas gerações dos valores e ideais das gerações anteriores. Portanto, os ritos de iniciação é uma instituição cultural e social com finalidades de socialização humana.

Os indivíduos aprendem as formas de convivência da colectividade. Estes têm a obrigação moral de passar pelos ritos de forma a se integrarem nos diversos espaços e actividades do grupo. Os ritos de iniciação são uma prática bastante antiga e dinâmica. Esta simboliza a preparação dos

¹ <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>

indivíduos para a vida adulta. Porém, em cada um desses diferentes lugares, os ritos de iniciação seguem lógicas e práticas diferentes.

No pensamento de Martinez (2009), os ritos de iniciação:

Em primeiro lugar, são ritos de separação, com os quais o indivíduo abandona o seu anterior estado social, a infância; em segundo lugar, são ritos liminares, pelos quais o indivíduo vive uma particular transformação da sua personalidade em clima de separação física e social; e, em terceiro lugar, são ritos de incorporação na situação normal da sociedade, pelas quais o iniciado ao deixar atrás de si o período marginal e ambíguo se agrega a vida social, na nova condição de adulto, membro da comunidade para todos os efeitos (p. 94).

Medeiros (2007) entende que os ritos de iniciação são o conjunto das práticas rituais que socialmente marcam a passagem da fase de criança masculina ou feminina para a idade adulta. Na óptica de Sara (cit. em Pedro, 2020), “os ritos de iniciação praticados pelos macuas conferem às jovens iniciadas estatuto de adultez, independentemente da idade em que estas jovens são iniciadas” (p. 7).

Durkheim (1978) afirma que os ritos nascem nos grupos e as suas funções são fazer emergir, manter ou recriar certas ideias atreladas à religião desses mesmos grupos. O rito, então, não é uma celebração fechada no tempo e no espaço, antes, porém, transcende as delimitações físicas dos locais onde acontecem. Assim, torna-se importante ampliar conhecimentos acerca do campo ritualístico na escola, pois desconhecê-lo significa ignorar a sua rica demanda cultural. Logo o indivíduo irá viver a sua vida futura fora dos caris socialmente aceitáveis.

As instituições das quais os jovens fazem parte, tais como a igreja, a família, a escola, os grupos de amigos, determinam seus papéis e se reafirmam através dos ritos e rituais, ou seja, determinados símbolos são precípuos à vida social dos indivíduos.

Queremos acreditar que os ritos de iniciação são realizados em qualquer sociedade dependendo, porém, das metodologias e conteúdos a serem transmitidos. Neste contexto, para a sociedade ou povo macua como nos remete Sara, os ritos de iniciação tem um significado magro na elevação do seu estatuto social passando a ser considerado homens ou mulheres verdadeiramente ditos passando a participar em eventos e conversas de “adultos”.

2.4.1. Importância dos ritos de iniciação

Os ritos de iniciação feminina são importantes porque eles são um processo de educação ou de transmissão de conhecimentos ou orientações das gerações mais experientes às gerações

menos gerenciadas. Neste processo sejam femininas ou masculinas de acordo com Ciscato (2012) defende que nos ritos de iniciação os jovens aprendem entre outros aprendizados, o “*muikho*” (tabus e abstenções), “*malavi*” (aparecimento de algo anômalo, “desordenado”, não comum, mau agouro e que possa criar um luto numa família ou sociedade. Igualmente, aprende-se o respeito aos mais velhos em especial e ao próximo no geral, a higienização pessoal e de forma generalizada, o tratamento de uma mulher para com um homem ou vice-versa. E quebra a mitologia. Osório (2015) defende que os ritos de iniciação têm significados diversos (para os homens e para as raparigas), para os homens é o respeito pelos mais velhos em especial e ao próximo no geral, as formas de saudação e algumas restrições como entrar no quarto dos pais. Osório diz ainda que as raparigas para além do respeito, formas de saudação e algumas restrições são acrescidas a obediência ao marido e conformidade com as diferentes formas de violência. Neste contexto subscrevemos em Ciscato ao afirmar que os ritos de iniciação são importantes para uma sociedade porque neles são transmitidos valores, hábitos, costumes, formas de higienização, respeito aos mais velhos em especial e ao próximo em geral, cuidados e respeitos ao parceiro ou parceira, cuidados do lar e quebra dos mitos (“*homem nunca é grande – não o teme*”). Estas palavras promovem a vulnerabilidade sexual.

2.4.2. Finalidade dos ritos de iniciação

Ciscato (2012) defende que os ritos de iniciação é a ruptura da infância e incorporação na idade adulta. Isto é, a morte da infância e ressurreição da idade adulta. E tem como finalidade, introduzir os jovens no domínio da sexualidade, do matrimónio, da procriação e da vida familiar. Osório (2015) diz que os ritos de iniciação são configuradores de identidades sexuais submissos uma vez que aos rapazes confere-os o poder de “opressor sexual” e a rapariga a “oprimida sexual”. Osório diz ainda que os ritos de iniciação têm a função de formar identidades, dizer o certo e o errado no nosso comportamento, isto é, verdades que não devem ser questionadas. Subscrevendo em Ciscato, remete-nos a um pensamento empírico segundo o qual presume-se que as meninas após o ritual a tendência é de encontrar um parceiro para pôr em prática o novo aprendizado e conseqüentemente, pode ocorrer uma união e gravidez precoces assim como incremento do número de desistências nas escolas e mortes nas maternidades das Unidades Sanitárias, não, mas também viverem submissas ao homem.

Os termos *muikho* e *malavi*, cujos Ciscato (2012) faz referencia, as meninas na calada da noite na companhia de batuques e canções, as matronas instruem-nas que quando estão de período menstrual não devem dar aperto de mão, não devem salgar comida, não pode comer ovo quando

esta de grávida (vai nascer criança sem cabelo) etc. é *muikho*. Igualmente são ditas para usar sempre penso quanto está de período menstrual (de pano – *nakapa* ou da loja), sempre que possível deve levar capulana nas viagens porque é *malavi* o homem ver o período de uma mulher.

2.4.3. Tipos de ritos de iniciação

Na sociedade macua em geral e da população do Posto Administrativo de Imala, distrito de Muecate em particular pratica-se dois tipos de ritos de iniciação, como nos remete o Instituto de Desenvolvimento de Educação – INDE (2012) nomeadamente masculina (*Masoma*) e feminina (*Emwali*) sendo este último o objecto de estudo do nosso trabalho. Estes diferem de acordo a periodicidade e a forma como decorre o processo no seu todo. No entanto o fim é o mesmo a educação do Homem novo capaz de servir a sociedade. Osório (2015) entende os ritos de iniciação como instituições onde as várias aprendizagens se transversalizam e combinam para a construção da identidade feminina e masculina. Olhando para os dois autores comungam os mesmos ideais (em dois tipos de ritos de iniciação feminina e masculinas) diferenciando-se apenas nas suas formas de abordagem. Por exemplo, os rapazes são levados após os primeiros sinais de puberdade biológica enquanto as raparigas são levadas após a primeira menstruação.

2.4.3.1. Ritos de iniciação masculina

Os ritos de iniciação dos rapazes vulgo "*Masoma*", é um ritual meramente de higienização e educação dos jovens/homens menores e este tipo difere dos ritos de iniciação feminina pelo conteúdo da instrução, pelas pessoas que nelas participam, pela data de celebração, pela sua duração, pelo lugar e pela solenidade das cerimónias segundo (Martinez, 2009). No mesmo fio de pensamento, Osório (2015) diz que os ritos de iniciação masculina são uma instituição cultural onde os rapazes são preparados a serem dominadores, homens e provedores de uma família. Nesta ordem de ideias leva-nos a crer que os ritos de iniciação masculina são instituições de preparação dos jovens para uma vida socialmente aceites e de maturidade.

2.4.3.2. Ritos de iniciação feminina

Martinez (2009) diz que os ritos de iniciação feminina são práticas socioculturais de iniciação feminina designados por "*Emwali*" e estes diferem-se dos ritos de iniciação masculinos "*Masoma*" pelo conteúdo das instruções, pelas pessoas que neles participam, pela data de celebração, pela sua duração, pelo lugar e pela solenidade das cerimónias e tem como finalidade explicação sobre

o facto fisiológico; como se comportar com as outras pessoas da comunidade; a forma de vestir; a alimentação e os trabalhos de casa.

Conforme Rasing (2001) enfatiza que:

É através dos ritos de iniciação largamente praticados por toda a África Central, que se ensina às jovens iniciadas o seu papel no seio da comunidade e se enfatiza "o papel reprodutivo destas no casamento, os deveres doméstico e agrícola, o respeito pelos mais velhos e pela família do futuro marido e os tabus associados à sexualidade e a determinados alimentos, (p. 2).

Osório (2014) diz que os ritos iniciáticos significam “a morte simbólica dos seres provisórios da comunidade e o surgimento de um ser humano, independentemente da idade fisiológica e dos iniciados cujo estatuto como membro pleno da comunidade é actualizado, no caso das raparigas, com o casamento e a gravidez” (p.159).

Neste contexto, a preparação de papéis de género para a vida conjugal a ordem cívica, a modelagem genital e corporal, constituem a legitimação das iniciadas a adultas para o mercado matrimonial/conjugal, ou seja, o casar para produzir filhos insere-se no quadro das expectativas da família/comunidades como nos remete Rasing (2001).

Ademais, tais práticas são mais comuns nas zonas rurais onde se tem observado maior aderência, e quando submetidos a ritos no contexto social e cultural das populações consideram-no como sendo o momento em que a pessoa ganha o estatuto de maioridade dentro da comunidade, como nos remete Ciscato (2012), ao defender que “na instrução feminina, dá-se muita ênfase à menstruação (aos perigos do sangue menstrual) e ao dever, por parte da esposa, de “limpar” (*wukuttha*) o parceiro depois de cada acto conjugar” (p. 86).

Osório (2015) diz que as raparigas na sua maioria com idade dos 11 e 12 anos são submetidas aos ritos de iniciação e por intermédio de canções, manipulam objectos “postiços” do sexo masculino e fazem simulação da relação sexual e são preparadas a assumir o homem como seu “dono” e como seu patrão no entanto chefe da família. Este aprendizado e olhando pela idade cronológica das instruendas pressupõe uma violação dos direitos da criança uma vez que insta em práticas de actos macabros e desempenho de tarefas fora da sua idade cronológica.

2.4.3.3. Consequências dos ritos de iniciação feminina

Como nos remete Osório (2015), os ritos de iniciação feminina realizam-se depois da primeira menarca onde as meninas por força dos pais muitas vezes são obrigadas a uma união precoce

que culmina em abandono escolar, gravidez precoce, surgimento de doenças e de lesões graves como a fístula obstétrica. São obrigadas a não rejeitar qualquer pedido sexual do seu marido mesmo em conflitos sociais, devem ser submissas ao homem em todos aspectos. Estes fenómenos, Osório (2015) diz ainda não é linear em todas famílias. Na actualidade nota-se uma ligeira mudança de paradigmas devido o nível de escolarização e a convivência social que tendem a abrandar os efeitos fatais.

2.4.3.4. Ritos de iniciação feminina e sua influência no PEA

Na sociedade macua e das zonas rurais em particular, existem vários tipos de práticas socioculturais que marcam a identidade da região cujos directa ou indirectamente afectam no processo de ensino-aprendizagem dos alunos dentro e fora da instituição escolar. No entanto, o foco deste trabalho são os ritos de iniciação feminina, uma vez que Ciscato (2012) diz que “para a rapariga, a iniciação é, ao mesmo tempo, uma etapa para o casamento” (p. 45).

Pedro (2020) remete-nos a uma análise crítica segundo a qual:

Os ritos de iniciação possuem dois aspectos contrários, por um lado contribuem positivamente para a educação e o comportamento dos jovens transmitindo bons valores culturais e sociais, por outro lado prejudicam o processo de ensino aprendizagem e a frequência escolar dos indivíduos iniciados consequentemente, contribui para na desistência dos alunos na escola (p. 18).

Menengola e Sant’Anna (2002) dizem que o processo de ensino-aprendizagem envolve um processo de análise, reflexões, previsão e tomadas de decisões no sentido de contribuir para a formação de pessoas autónomas e críticas, tornando-as capazes de escolher seus caminhos e, embora parta de uma realidade e seja dirigido pelas normas e necessidade da sociedade.

No entender do Medeiros (2007), os ritos de iniciação são “a nubilidade era, por conseguinte, o momento do aconselhando para o individuo entrar solenemente no mundo dos adultos do respectivo grupo de descendência. Era o momento por excelência da aquisição identitária do grupo e da legitimação do respectivo poder” (p. 21).

A partir destas abordagens concordamos que os ritos de iniciação têm contribuído positivamente por um lado e negativamente por outro uma vez que se transmite valores culturais que desaguardam na promoção da identidade cultural duma sociedade e são moldados para uma vida adulta onde são quebrados os mitos. Na sequência disso, as jovens rituadas têm a tendência de praticar o aprendido daí que culminam em gravides indesejada, uniões precoces e como consequência

destes dois fenómenos são os abandonos escolares violando assim o princípio de obrigatoriedade do ensino primário e aumento do analfabetismo no País.

2.5. Ética e Moral

Olhando na perspectiva de que todo ser humano possui valores éticos e morais para uma convivência salutar na convivência social ou laboral, achamos conveniente enquadrar neste Capítulo para melhor compreender o estudo o quão comportamento ético das rituadas e qual é a moral dos ritos de iniciação feminina nas zonas per urbanas.

2.5.1. Ética

A palavra ética vem do grego “*ethos*” que significa modo de ser. Por isso apraz-nos afirmar que todo ser humano deve possuir valores éticos sejam eles sociais ou profissionais como forma de regular o seu estado emocional durante o exercício competente da sua profissão ou na convivência social.

2.5.1.1. Ética no contexto geral

O Ministério de Administração Estatal e Função Publica e Instituto de Formação em Administração Pública e Autárquica (s/d) defende que a ética é o conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação a outros homens na sociedade em que vive garantindo assim o entendimento e a harmonia social. Em suma, a ética é uma ciência da moral referência a conduta humana.

Segundo Rezende (cit. em Vieira, 2017) diz que a Ética é “a interioridade do acto, no que se refere ao estudo dos juízos que regem a conduta humana e estão sujeitos à qualificação do ponto de vista do bem ou do mal em determinada sociedade ou na relação entre elas” (p. 17).

Para Vickers (2005), a ética é “o conjunto de princípios morais ou valores das pessoas/sociedade, que indicam o que é certo ou errado, bom ou mau, influenciando a forma de agir dos indivíduos” (p. 33). No entender de Chiavenato (2005), a ética é “o conjunto de princípios morais ou valores que definem o que é certo ou errado para uma pessoa ou grupo” (p. 128).

2.5.1.2. Ética profissional

Segundo, Barros (cit. em Vieira, 2017) diz que “a Ética Profissional é um conjunto de normas e valores que direccionam as condutas dos colaboradores para que estes mantenham uma

reputação positiva no ambiente de trabalho” (p. 18). Sá (cit. em Vieira, 2017) considera a Ética Profissional como sendo “as normas de comportamento que indicam a conduta mais apropriada defrontem algumas situações, que visam manter a harmonia no âmbito empresarial” (p. 19).

De acordo as discussões consideramos que a ética é um conjunto de regras, princípios e valores morais que regem a um indivíduo ou grupo de indivíduos que vivem numa sociedade fazendo o bem e evitando o mal. No entanto, todo Homem possui um senso ético, uma espécie de "consciência moral", para saber se as acções são boas ou más, certas ou erradas, justas ou injustas. E isso refere-se à normalidade oriunda da sociedade, aos costumes, normas e regras que tem por objectivo regular as relações entre os sujeitos.

A ética é a reflexão crítica sobre a moral, ou seja, pensar naquilo que se faz repensar os costumes, normas e regras vigentes na sociedade. Por isso ela é importante porque permite-nos viver como seres humanos, detentores da capacidade de pensar, protegendo-nos do caos e do desmoronamento da sociedade em que vivemos. Os ritos de iniciação feminina de princípio vêm complementar ou instruir a ética social.

2.5.2. Moral

Não se deve falar da ética e não se falar da moral tendo em conta que ela é juízo de valores socialmente aceites. Nesta ordem de ideias apraz-nos dizer que em sociedade vive-se na base de um conjunto de costumes, crenças, valores e normas de uma pessoa ou grupo social tendo em conta que a ética é de origem latina, “*mores*” que significa costume.

Para o Ministério de Administração Estatal e Função Pública e Instituto de Formação em Administração Pública e Autárquica (s/d), a moral “é um conjunto de normas que regulam o comportamento do Homem em sociedade, adquiridas no contexto da socialização, educação, tradição, e convivência social” (p. 6).

Ela funciona como um guia para o trabalho e para sociedade, ou seja, que orienta sobre o bem ou o mal – o certo ou o errado de uma determinada acção ou comportamento de uma sociedade orientada para um futuro sem discriminação e de oportunidades iguais. Obviamente, as meninas rituadas devem mostrar um comportamento ajustado a conduta humana aceite na comunidade onde está inserida diferentemente ao anterior comportamento (antes do ritual).

A ética e a moral são binómios diferentes, mas que comungam os mesmos ideais. De acordo Barros (cit. em Vieira, 2017) “a primeira significa a teoria ou o estudo do carácter dos indivíduos

na sociedade, enquanto a segunda, significa costume, ou conjunto de normas ou regras adquiridas com o passar do tempo. A Ética é o aspecto científico da Moral, pois ambas, envolvem a filosofia, a história, a psicologia, a religião, a política, o direito, e toda uma estrutura que cerca o ser humano” (p. 16).

Cultura e eticamente falando, a mulher quando é dita não deve casar ou fazer filho sem passar pelos ritos de iniciação são questões éticas, mas por ventura o acontecer ou por intencional ou ocasional estes dois fenómenos (casamento ou grávida) surge o juízo moral, por isso achamos conveniente trazer uma discussão neste para melhor compreender a relação trinomial entre a ética, a moral e os ritos de iniciação feminina nas zonas rurais.

III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

III

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste Capítulo, abordamos de maneira objectiva e sintética os métodos e técnicas de pesquisa, instrumentos de recolha de dados, número de participantes, considerações éticas e breve resenha histórica do local de estudo, visando o alcance dos objectivos previamente definidos.

3.1. Procedimentos metodológicos

Com vista a operacionalização dos objectivos específicos anteriormente definidos, foram seguidos tecnicamente alguns procedimentos metodológicos e técnicas de recolha e análise de dados os quais de forma circunstancial passamos a apresentar.

3.1.1. Paradigma Interpretativo

O trabalho **quanto a abordagem**, usou-se a metodologia **qualitativa** que segundo UFRGS (2009), “busca explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantifica os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de factos” (p. 32). E neste trabalho pretendíamos explicar circunstancialmente o impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural.

Quanto à natureza é aplicada porque UFRGS (2009) “permite gerar conhecimentos para à aplicação, dirigido a solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (p. 35). É nesta perspectiva que aplicamos os resultados na vida prática em função dos fenómenos apresentados anteriormente.

3.1.2. Tipo de estudo

Quanto aos objectivos, a pesquisa é **explicativa**, porque segundo Gil (2008) ela “preocupa-se em identificar os factores que determinam ou que contribuem para a ocorrência do fenómeno” (p. 28). É neste âmbito que subscrevemos neste tipo de pesquisa para trazer a realce contribuição dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural.

Quanto aos procedimentos, o estudo foi uma pesquisa de **campo** porque segundo Fonseca (cit. em UFRGS, 2009), ela “caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza colecta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisas (pesquisa *ex-post-facto*, pesquisa-acção, pesquisa participante, etc.)” (p. 37). Nisso, subscrevemos na pesquisa *ex-post-facto* que “tem como objectivo investigar

possíveis relações de causa e efeito entre um determinado facto identificado pelo investigador e um fenómeno que ocorre posteriormente” (URGS, 2009, p. 37).

3.1.3. Breve descrição do contexto, participantes e periodicidade de estudo

Neste subcapítulo, fê-mos a descrição lógica da resenha histórica do local de estudo, a participantes do nosso estudo assim como da periodicidade e orçamentação da pesquisa não menosprezando a questão ética da pesquisa.

3.1.3.1. Participantes

A pesquisa contou com o envolvimento de 8 pessoas sendo: 1 Secretário do Bairro – escolhemos este porque as actividades dos ritos de iniciação ocorrem na comunidade por onde ele é digno dirigente/dono do território e autoriza a sua realização. 1 Régulo, este, legitima a realização dos ritos de iniciação no regulado por meio de comunicação com os antepassados e deuses materiais através de evocação espiritual usando a *makeya* (farinha, de preferência de mexoeira que se coloca numa árvore ou casota especifica onde se evoca os antepassados e espíritos – Deuses). 1 Presidente do Comité Comunitário de Protecção à Criança, este trabalha com a comunidade na defesa dos direitos humanos e da criança em particular, denuncia casos de uniões gravídes precoces às autoridades competentes, aconselha as crianças a continuar com os estudos mesmo em situações de grávida ou união. 1 Matrona, ela é responsável pela instrução das meninas e adultas em todos processos (da primeira menarca até ao tratamento e cuidados a ter consigo mesma, com o lar e com o marido em particular). 1 Menina/Senhora rituada de Janeiro de 2022 a Dezembro de 2023, esta é recém graduada” possui uma bagagem fresca na matéria em estudo. 1 Director da Escola, é o responsável máximo da escola e coordena com a comunidade sobre o processo educativo no entanto espelho da sociedade e detentor do conhecimento e cumpre e faz cumprir as leis sociais e do Governo. 1 Presidente do Conselho de Escola, é elo de ligação entre a comunidade e a escola, trás as questões, preocupações e soluções da comunidade para escola e da escola para a comunidade. E 1 Professor da escola, pese embora esta repleta de homens escolhemos este porque estamos cientes que ele é que lida directamente com os alunos os encarregados de educação, portanto é um “pai” quanto à escola. Nesta ordem ideias, estamos cientes que esta massa humana possui suficientemente uma grande bagagem e domínio da matéria em estudo. De referir que a preocupação foi de oferecer melhor qualidade da informação e não quantidade como nos remete Lakatos e Marconi (2003).

3.1.3.2. Etapas ou fases de pesquisa

Na realização deste trabalho, foram cumpridas 9 fases, sendo: 1ª pela escolha e definição do tema; 2ª elaboração do anteprojecto e submissão para a apreciação e possíveis correcções; 3ª elaboração dos instrumentos de colecta de dados (guião de entrevista versos grelha de entrevista); 4ª fundamentação teórica dos conceitos-chave; 5ª recolha dos dados (entrevista semi-estruturada, observação não-participante e análise documental); 6ª análise e interpretação de dados (SPS); 7ª submissão do projecto para efeitos de apreciação e possíveis correcções; 8ª entrega do relatório final/dissertação e 9ª defesa da dissertação.

3.1.4. Técnicas de recolha de dados

Neste trabalho foi usada a técnica de entrevista semi-estruturada, observação não participante e análise documental as quais apresentamos detalhadamente os procedimentos usados a seguir com vista a operacionalização da pesquisa.

3.1.4.1. Técnica de entrevista semi-estruturada

Segundo UFRGS (2009), a técnica de entrevista serve para a colecta de dados não documentados sobre um determinado assunto e é recomendado para estudos exploratórios. Neste trabalho, entre várias, usou-se a técnica de entrevista semi-estruturada com vista a colher mais opiniões e sensibilidades a respeito do tema para suscitar maior abertura dos inqueridos, os quais contribuirão com maior fiabilidade, eficácia e eficiência no fornecimento dos dados por nós colhidos durante a entrevista com vista ao alcance dos objectivos previamente definidos. Para tal, usamos a grelha de entrevista em apêndice 2 da presente dissertação.

3.1.4.2. Técnica de observação não-participante

Nesta técnica, Marconi e Lakatos (2003), dizem que “o pesquisador toma contacto com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora” (p. 193). É neste contexto que deslocamos à Escola Básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala para junto à comunidade local e escolar interagir e vivenciar enloco os fenómenos e juntos aos intervenientes definir estratégias funcionais de solução à problemática.

De referir que, o estudo contou com a participação de 8 pessoas sendo: 1 Líder de Autoridade Administrativa, 1 Líder de Autoridade Comunitário, 1 Influente, 1 Matrona, 1 Menina/Senhora rituada de Janeiro de 2022 a Dezembro de 2023, 1 Membro de Direcção da Escola, 1

Presidente/Membro de Conselho de Escola, e 1 Professor/a da comunidade e escola respectivamente. Ciente de que estes grupos dominam a matéria em estudo e contribuíram fielmente com o seu saber e idoneidade. De referir que nesta técnica foi observado entre vários aspectos, as infra-estruturas escolares, documentos orientadores e normativos de carácter pedagógico e aspectos sociais. O apêndice 3 ilustra o guião de observação não-participante que tem o foco de recolha de dados para análise do impacto dos ritos de iniciação feminina na escola Básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, distrito de Muecate.

3.1.4.3. Técnica de análise documental

A UFRGS (2009) remete-nos a uma prerrogativa de fazer um estudo documental através de leitura de relatórios anuais (2022 e 2023) para permitir a análise do impacto dos ritos de iniciação feminina se ou não influenciam no abandono escolar da rapariga após o ritual, no seu aproveitamento pedagógico e obviamente também verificar a sua evolução. Neste contexto analisamos principalmente os mapas de aproveitamento pedagógico (dados estatísticos de 3/3, desistidos, chegados no fim e seu aproveitamento pedagógico). De acordo ilustra o apêndice 4.

3.2. Considerações éticas

A pesquisa garantiu a segurança e fidedignidade das informações. Por isso, a entrevista foi dirigida de forma anónima e as informações fornecidas por qualquer tipo de técnica que foi prevista neste trabalho serão somente para efeitos tão-só académicos. Contudo, contaram neste trabalho como evidências, as imagens somente as que foram devidamente autorizadas pelo proprietário da informação.

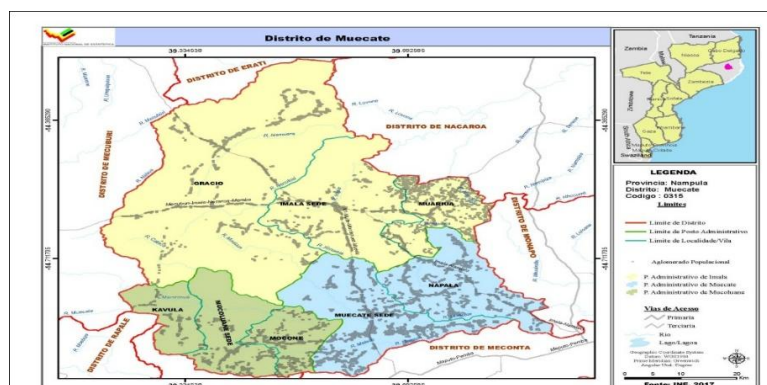
3.3. Descrição do local de estudo

Antes, porém, para definirmos os procedimentos metodológicos e técnicas de estudo para a operacionalização dos objectivos previamente definidos tivemos em conta a resenha histórica da escola e do Distrito assim descritos.

3.3.1. Breve resenha histórica do distrito de Muecate

O distrito de Muecate foi elevado a categoria de Vila a 3 de Setembro de 1960 a luz da portaria nº 14264 de 3 de Setembro de 1960. Tem uma superfície de 4.121km². O nome de Muecate deriva da palavra “*Muhicate*” que em língua “*Emakhuwa*”, significa “não pode nadar”, o que constitui uma advertência dada pelos nativos da região ribeirinha que se faziam aos incautos que

pretendessem deslocarem-se ao rio outrora infestado de crocodilos. Faz limites com 7 Distritos (Nacarôa, Eráti, Mecubúri, Rapale, Nampula, Meconta e Monapo) conforme ilustra a figura 1. Administrativamente o Distrito está dividido em 3 Postos Administrativos, 6 Localidades e 101 Povoações. Tradicionalmente, Muecate está dividido em 9 Regulados e 127 líderes tradicionais. Existe 127 estabelecimentos de culto romano e arábico sendo esta ultima com 71 (Relatório anual do GDM/2023). Possui uma população avaliada em 134.280h (Censo 2017) e de acordo a projecção 2023, a população é estimada em cerca de 157.393, sendo 76.975 homens (41%) e 80.418 mulheres (51%), com uma densidade populacional de 38,19hab/km² (INE, 2017 – 2020). De referir que do número total da população do Distrito, 79% são jovens, destes 40% são mulheres de 0 à 35 anos. O Distrito possui 98 escolas, sendo: 87 Primárias, 8 Básicas e 3 Secundárias, destas, uma do 1º Ciclo. A base da economia é a agricultura e comércio informal.



Fonte: SD, 2024

Fig.1: Limites do distrito de Muecate

3.3.2. Caracterização da Escola Básica de Terrene

A Escola Básica de Terrene localiza-se a 55km da Oeste do distrito de Muecate, Posto Administrativo de Imala, Localidade de Namahia-Grácio, comunidade de Namahia-Terrene onde habitam pouco mais de 1.977 habitantes. A Escola Básica de Terrene, é a Sede da ZIP número 6 e engloba 07 Escola Primárias sendo: Terrene-sede, N'chechema, Nametil, Calisto, Napacala, Metalila e Muhula. Ela, lecciona da 1ª a 7ª classes e as restantes da 1ª às 6ª classes. Como Escola Básica teve o seu início no ano de 2022 até hoje a luz da Lei nº 18/2018 de 28 de Dezembro. Foi fundada no ano de 1970, muito antes da Independência da luta de libertação Nacional com 2 turmas sendo 1 da Pré e 1 da Primeira. Em 1986 passou a ser Escola Primária da 1ª a 5ª classes, terminado este nível os alunos eram levados para a Escola Primária de Imala para frequentar a 6ª e 7ª classes. Em 1998 passou a ser leccionada a 6ª classe e em 2000 a 7ª classe a pedido dos pais e encarregados de educação que não tinham condições de levar os

seus educandos à Imala. A Escola de Terrene matriculou em 2023 um total de 885 alunos de ambos os sexos, destes, 443 raparigas. Chegaram ao fim-de-ano lectivo um total de 853 destes, 426 raparigas. Desistiram um total de 31 alunos por vários motivos dos quais 16 mulheres. Destaca-se como factores motivacionais da desistência às aulas, as uniões precoces e o nomadismo influenciados pelas práticas culturais e costumeiras típicas da região. Durante o ano, teve um rendimento pedagógico global de 96% e igual número percentual de alunos correspondentes a 818 alunos e 411 raparigas respectivamente. Como Escola funciona com 9 professores de diferentes formações académicas e carreiras profissionais todos eles homens. Deste número, 6 são professores em magistério, 1 Director de Escola, 1 Director Adjunto de Escola e 1 Chefe de Secretaria. A Escola possui 3 salas de aulas e 1 Bloco Administrativo de construção convencional equipados com carteiras e quadros-negros imóvel, 2 salas de aulas de material precário e 1 edifício colonial aproveitável em salas de aulas. Tem água potável e sanitário para ambos sexos. Tem uma cozinha e um alpendre construídos com material convencional no âmbito do lanche escolar que a escola se beneficia. A origem do nome Namahia provém da floresta densa cuja comunidade primitiva cavava tubérculos para servir de alimento (*myole*), assim, quando saíssem das suas zonas de origem diziam “vamos a Namahia cavar *myole*”. Enquanto Terrene provém do rio *Therrene* que desagua no rio Monapo e corre próximo da comunidade de Namahia pelo qual a escola foi baptizada pelo nome de Escola Primária de Terrene, actual Escola Básica de Terrene.

IV

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

IV

IV. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, fez-se a apresentação, análise e discussão dos dados obtidos durante a pesquisa. Com vista a segurar a confidencialidade da fonte da informação os 8 entrevistados foram codificados por letras maiúsculas em forma de siglas, assim designados: 1. Representante das Autoridades Administrativas Locais (RAAL) – Secretario do Bairro, 2. Representante das Autoridades Comunitárias (RAC) – Régulo, 3. Representante dos Influentes Locais (RIL) Presidente do Comité Comunitário de Protecção à Criança, 4. Representante das Matronas Locais (RML), 5. Representante das Mulheres Rituadas (RMR), 6. Representante da Direcção da Escola (RDE) – Director da Escola, 7. Representante dos Membros do Conselho de Escola (RMCE) Presidente do Conselho de Escola, e 8 Representante dos Professores da Escola (RPE) Professor. Para melhor compreensão, os dados estão divididos em 10 categorias que transformamos em títulos e cada uma das categorias (títulos) em 3 subcategorias com vista ao alcance dos objectivos previstos.

A Escola Básica de Terrene e a comunidade de Namahia-Terrene, permitiu-nos compreender os processos cognitivos, a educação, a cultura, os ritos de iniciação feminina, a idade cronológica das raparigas rituadas, os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina e suas implicações no PEA e na sociedade, o impacto dos ritos de iniciação feminina no PEA e na sociedade, a periodicidade ou calendarização dos ritos de iniciação feminina, as estratégias eficazes da prática/realização dos ritos de iniciação feminina, a ética, a moral e as sugestões sobre a prática dos ritos de iniciação feminina, assim apresentamos de forma circunstancial:

4.1. Os Processos Cognitivos (ensino, instrução e aprendizagem)

Nesta categoria, pretende-se compreender o impacto social do ensino, instrução e aprendizagem e fazer ponte com o impacto dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. Para tal, foram feitas três perguntas sendo a primeira: que diferença existe entre o ensino e a instrução? Para esta questão os entrevistados dos RAAL, RIL, RDE, RMCE e RPE foram unânimes em afirmar que o ensino pesa mais para uma aprendizagem teórica (saber) enquanto a instrução tem a ver com a aprendizagem prática (saber fazer). Ainda na mesma questão, os entrevistados RAC, RML, e RMR, afirmaram que não há diferença entre os dois termos (ensino e instrução) visto que todos eles geram aprendizado.

A segunda questão desta categoria foi: que relação existe entre o ensino e a instrução? Face a esta questão os entrevistados dos RAAL, RIL, RDE, e RPE foram unânimes em afirmar que há

relação de reciprocidade porque onde há ensino também há instrução e a finalidade é única de formar o homem do amanhã. Enquanto os entrevistados dos RAC, RML, RMR, e RMCE disseram que não há nenhuma relação entre ensino e instrução porque nas escolas do Distrito ocorre somente o ensino por isso as crianças depois de terminarem o nível básico do ensino primário não tem nenhum domínio prático em saber fazer algo como carpintaria, construção civil, condução, informática, etc.

A terceira pergunta da categoria foi: que vantagem/desvantagens tem o ensino e a instrução? Face a esta questão os entrevistados RAAL, RIL, RDE, e RPE foram unânimes em afirmar que o ensino tem vantagem porque na sua maioria ocorre em instituições do Estado enquanto a instrução ocorre em instituições privadas e promove o saber fazer. No entanto, os entrevistados dos RAC, e RMCE disseram que não há vantagens e nem desvantagem. E os entrevistados dos RML, e RMR absteram-se em responder à questão.

Nesta ordem de ideias, ficamos cientes a maioria dos entrevistados acreditam que o ensino pesa mais para uma aprendizagem teórica (o saber cognitivo), a instrução tem a ver com a aprendizagem prática (o saber fazer) e a aprendizagem é a capacidade que os alunos têm para reter o aprendido e saber aplicar na sua vida futura. A literatura mostra que o ensino é “actividade do professor, através de métodos adequados, orienta a aprendizagem dos alunos” (Haydt, 2011, p.13). Sobre a instrução, Libâneo (2013) diz que “é a formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas e mediante de certo nível de conhecimentos sistematizados”. No que diz respeito a aprendizagem, Piletti (2004) defende que é o “processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir” (p. 36). A Constituição da República, o Plano Estratégico do Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano, os relatórios anuais, os planos analíticos e outros documentos orientadores, mostram que o ensino é o processo de transmissão e assimilação sistemática e organizada de conhecimentos, habilidades, valores e informações de uma pessoa a outra. Dos documentos ora mencionados, defendem que a instrução é uma actividade teórico-prática que pode decorrer em instituições apropriadas e ou em sociedade. E a aprendizagem é a capacidade que o indivíduo tem de adquirir, acomodar, modificar e reproduzir conhecimentos, habilidades e valores morais, éticos e sócio-profissionais. O que observamos ao nível da escola e dos intervenientes do PEA é que o ensino ocorre ao nível da Escola (domínio cognitivo) e pouco se faz sentir a instrução na escola, mas sim na comunidade (domínio psicomotor). A comunidade dá mais valor a instrução porque a aprendizagem e sua aplicação é imediata.

4.2. Educação

Nesta segunda categoria, pretendíamos compreender o valor da educação na comunidade na dimensão social e cultural e relacionar com o impacto do processo dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. Para tal, foram feitas três perguntas sendo a primeira: O que é a educação e onde ocorre? Para esta questão todos entrevistados foram unânimes em afirmar que a educação é um processo de transmissão de valores ou saberes morais, culturais e é feito por pessoas que tem maior domínio ou experiência da vida social ou profissional. Ela ocorre a qualquer local e momento da vida com maior enfoque nas casas de residência e é complementarizada na escola com os profissionais da educação no sentido estrito.

A segunda pergunta desta categoria foi: qual é a finalidade da educação? Face a esta questão, todos entrevistados entendem que a finalidade da educação é de formar ou preparar o Homem para servir a si próprio, a comunidade e a sociedade em geral mostrando assim um comportamento ético e deontológico. No entanto, acreditam ainda que a geração de hoje está difícil orientar para um padrão socialmente aceite como acontecia nos tempos passados.

Na terceira questão da categoria foi: que importância tem a educação para a humanidade? Face a esta questão todos entrevistados foram unânimes em afirmar que a educação em qualquer parte do mundo é benéfica e para todos aspectos. Um individuo bem-educado é um “cartão-de-visita” porque mantem o respeito com a comunidade e lhe é retribuído.

Nesta ordem de ideias, ficamos consciencializados, uma vez que os entrevistados mostraram que a finalidade da educação é de formar ou preparar o Homem para servir a si próprio, a comunidade e a sociedade em geral mostrando assim um comportamento ético e deontológico. A literatura, conforme Nérici (1990) diz-nos que a educação tem o propósito de formar um Homem consciente, e responsável. Os documentos apresentados pela direcção da Escola (Relatórios e Planos Anuais) defendem que a educação é um facto social, que possibilita as aquisições culturais do grupo, transmitidas das gerações mais experientes às novas gerações. Feitas as perícias no local de estudo, observamos que a educação ocorre no sentido amplo (nas concentrações, na sociedade e nas salas de aulas) e estrito (na sala de aulas) com programas centralmente definidos, organizados, sistematizados, cronometrados e estruturados em função a idade cronológica e se reserva 20% para inclusão do conteúdo local.

4.3. A cultura

Nesta categoria, pretendia-se compreender os valores culturais e sua contribuição na formação humana tendo em conta o impacto dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. Para tal, foram feitas três perguntas sendo a primeira: o que é a cultura e quais são os tipos de cultura mais praticada? Para esta questão os Entrevistados; RAC, RML, RDE, RMCE e RPE foram unânimes em afirmar que a cultura são as tradições e o modo de vida de um povo. Assim, citaram alguns exemplos:

- ✓ Ritos de iniciação (feminina e masculina) – que atribui estatuto de maturidade social;
- ✓ A gastronomia – que constitui o prato típico da zona;
- ✓ A indumentária – que é a forma de vestir dos homens e as mulheres (jovens, crianças, mulheres e adultos);
- ✓ Cultos espirituais – que são as diversas formas de adoração a Deus e a deuses como: o *jesuitismo* e o *Maometismo*; a *makeya*, a *evocação dos antepassados* e as *adorações a deuses materiais*, respectivamente;
- ✓ Habitação – que é uma identidade social da sociedade humana;
- ✓ Matrimónio – o casamento simboliza maturidade e responsabilidade social;
- ✓ Herança de bens materiais e financeiros e de familiaridade – que é matrilinear, etc.

A segunda questão desta categoria foi: como são transmitidos os hábitos e costumes culturais as novas gerações? Face a esta questão todos entrevistados afirmaram que os hábitos e costumes são transmitidos através de:

- ✓ Encontros familiares;
- ✓ Práticas educativas (ritos de iniciação);
- ✓ Convívios sociais;
- ✓ Em instituições de ensino (escolas);
- ✓ Em grupos de trabalho;
- ✓ Conhecimento inato; etc.

Na terceira pergunta desta categoria foi: que importância tem a cultura e como devemos preservá-la? Face a esta questão os entrevistados acreditam que a cultura é um bem social na identidade

de um povo e ela deve ser preservada e valorizada. Ela, promove o turismo de um território, impulsiona o desenvolvimento económico, contribui na economia do território, etc.

Neste contexto, os entrevistados foram unânimes em afirmar que a cultura são as tradições e o modo de vida de um povo como é o caso dos ritos de iniciação, a gastronomias típica, a indumentaria, os cultos espirituais, a habitação, o matrimónio, a herança, o modo de vida, etc. A literatura na visão de Ciscato (2012) diz que a cultura é o modo de vida de um povo. Os documentos apresentados pela direcção da escola (relatórios, actas, planos, etc.) mostram que a cultura é um bem público, valioso, valorizado, respeitado e preservado pela comunidade e escola de Terrene. Durante as observações, notamos diversas formas de manifestações culturais (os ritos de iniciação femininos e masculinos – que constituem o pico das atenções da vida social do Homem; a gastronomias típica – a chima de mandioca acompanhada pelas folhas de mandioqueira ou de batata-doce; a indumentaria a capulana blusa e lenço para as mulheres e calção, camiseta e chapéu para os homens; os cultos espirituais – a profecia da religião jesuíta e a adoração de deuses através de makeya e outros rituais; a habitação – construção de casas de pau a bique e cobertas de capim/plástico; o matrimónio – casamentos precoces; a herança – apoderamento de bens materiais pelo seu sucessor; o modo de vida – prevalece o nomadismo, construção de casotas, habitação por grupos familiares, a desvalorização da escola) nesta ordem de ideias, concluímos que a cultura é povo e o povo é cultura por isso deve ser valorizada, respeitada e conservada porque é um bem social.

4.4. Os ritos de iniciação feminina

Nesta categoria, pretendíamos compreender os ritos de iniciação feminina, sua importância e sua influência social nas zonas rurais. Para tal, foram feitas três perguntas sendo a primeira: o que são ritos de iniciação feminina? Para esta questão os entrevistados dos RAC, RML, RMR, RDE e RPE afirmaram que os ritos de iniciação feminina é um processo cultural e tradicional de transformação de uma menina da fase de criança para adulta socialmente. Ainda na mesma questão, os entrevistados dos RAAL, RIL, e RMCE, afirmaram que os ritos de iniciação feminina é uma prática cultural e tradicional que visa educar uma menina a saber ser e estar dentro de uma comunidade e é feita por um grupo de senhoras experientes na matéria (as de canto, dança, toca batuques, as instrutoras, madrinhas, entre outras).

Na segunda questão desta categoria, foi: que importância tem os ritos de iniciação feminina? Face a esta questão os entrevistados dos RAC, RML, e RMR disseram que os ritos de iniciação

feminina, visam preparar a mulher para uma vida conjugal, higienização, respeito e amor ao próximo. Ainda na mesma questão os entrevistados RAAL e RIL afirmaram que a importância dos ritos de iniciação feminina é de promover a educação tradicional e transmissão dos valores culturais socialmente aceites. Enquanto os entrevistados dos RDE, RMCE, e RPE afirmam que a importância dos ritos de iniciam é promover as práticas sexuais na comunidade e fonte de receita para os líderes tradicionais, as *anamalaka* (matronas) e as *anamuku* (madrinhas).

A última pergunta desta categoria foi: que influência tem os ritos de iniciação feminina na sociedade e no Processo de Ensino-aprendizagem? No que diz respeito a esta questão os entrevistados dos RAAL, RIL, RDE, RMCE, e RPE foram unânimes em afirmar que os ritos de iniciação feminina na comunidade são positivos por um lado e é negativo por outro lado porque promove a educação tradicional, o respeito, a higienização, preservação da cultura, hábitos, costumes, a ética, etc. e constitui fonte de receita para alguns envolvidos no processo. No entanto, o processo (a instrução sexual) promove a aplicação imediata do aprendizado sem olhar pela faixa etária da rituada consequentemente há uniões precoces, desistências nas escolas e incremento da vergonha para com os colegas, professores, a direcção da escola e outros intervenientes do PEA. Para os entrevistados dos RAC, RML, e RMR disseram que os ritos de iniciação feminina têm um impacto positivo visto que as meninas depois do ritual mudam de comportamento e deixam de praticar acções de criança e passam a viver a vida adulta (assistir cerimónias fúnebres, visitar campos dos seus antepassados, participar em conversas de adultos, etc.) quanto antes não. Para a escola, mantem o respeito com os colegas, professores, a direcção da escola, pais e ou encarregados de educação e membros do Conselho de Escola. É uma actividade de renda para as matronas, madrinhas e os líderes comunitários e tradicionais.

Enquanto os entrevistados, afirmaram que os ritos de iniciação feminina é um processo cultural e tradicional de transformação de uma menina da fase de criança para adulta socialmente. A literatura, na óptica de Medeiro (2007) diz que os ritos de iniciação são o conjunto das práticas rituais que socialmente marcam a passagem da fase de criança masculina ou feminina para a idade adulta. Os documentos apresentados pela direcção da escola (actas e sínteses) das sessões dos Conselhos de Escola, mostram que a escola não interfere no processo, mas aconselha a realizar nos períodos de interrupção lectiva ou finais de semana, olhando pelo valor sócio-cultural que este ritual carrega na sociedade. Na observação, aferimos que os ritos de iniciação feminina é uma prática social e cultural que acrescenta valores na pessoa e na humanidade. Nele, envolve a sociedade e a liderança tradicional. Este acto em algum momento

promove as uniões e gravidezes precoces, abandono escolar, incrementa o índice do analfabetismo e de desemprego no seio das comunidades rurais.

4.5. A Idade cronológica das raparigas rituadas

Pretendíamos nesta categoria, perceber sobre a idade de ingresso nos ritos de iniciação feminina e suas implicações sociais e académicas. Para a concretização deste objectivo, foram elaboradas três perguntas sendo a primeira: em que idade as raparigas são submetidas aos ritos de iniciação feminina? Para esta questão todos entrevistados foram unânimes em afirmarem que os ritos de iniciação feminina não são realizados de acordo a idade cronológica, mas sim pela idade biológica (o início do 1º ciclo menstrual e a saída dos seios) e estes dois fenómenos ocorrem nas raparigas no período de 10 a 16 anos de idade.

A segunda questão desta categoria, foi: que relação existe entre a idade cronológica das raparigas com os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina? Face a esta questão os entrevistados dos RAC, RML, e RMR disseram que os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina relacionam-se com a idade porque, visam preparar a mulher para uma vida conjugal, higienização, respeito e amor ao próximo. Ainda na mesma questão os entrevistados dos RAAL e RIL absteram-se em posicionarem-se sobre a relação dos conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina em função a idade cronológica das rituadas. Na mesma senda, os entrevistados dos RDE, dos RMCE e dos RPE acreditam que não há relação entre os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina em função a idade cronológica das raparigas visto que entram com 10 a 16 anos de idade e tratam na sua maioria assuntos relacionados com o sexo cujo sexo feminino é considerado como fonte de geração de renda (emprego, lar, bens materiais, financeiros, etc.) e aí à escola perde o seu estatuto social, poder e o papel formativo.

Na terceira questão desta categoria, foi: Qual é a idade ideal para uma rapariga ser submetida aos ritos de iniciação feminina? Para esta pergunta todos entrevistados assumiram que a idade ideal para ser submetida uma rapariga aos ritos de iniciação feminina é de 17 a 18 anos de idade mínima uma vez que neste processo são abordados diversos conteúdos de âmbito social e conjugal que carece de uma maturidade social e biológica de modo que não infringe as leis sociais e jurídicas vigentes em Moçambique.

Em correlação a idade cronologia de ingresso nos ritos de iniciação feminina os entrevistados disseram que não são realizados de acordo a idade cronológica, mas sim pelo início do 1º ciclo menstrual e a saída dos seios e estes dois fenómenos ocorrem no período de 10 a 16 anos de

idade. A literatura, conforme Osório (2015) defende que os ritos de iniciação feminina se realizam depois da primeira menarca onde as meninas por força dos pais muitas vezes são obrigadas a uma união precoce que culmina em abandono escolar, gravidez precoce, surgimento de doenças e de lesões graves como a fístula obstétrica. São obrigadas a não rejeitar qualquer pedido sexual do seu marido mesmo em conflitos sociais, devem ser submissas ao homem em todos aspectos. Os documentos apresentados pela direcção da escola (relatórios, actas e sínteses) ditam que os ritos de iniciação feminina são realizados a qualquer período do ano desde que a família tenha as condições para o efeito e a menina tenha passado pela primeira menarca e este processo é fatal para a escola porque após o ritual a tendência da menina é a união marital e consequentemente o abandono escolar. Feitas as perícias na comunidade e na escola ficamos com a sensibilidade de que não há definição de períodos de realização dos ritos de iniciação feminina e a liderança tradicional só se preocupa com os presentes (galinha, farinha, bebidas e valores monetários não quantificáveis).

4.6. Os Conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina e suas implicações no PEA e na sociedade

Pretendíamos nesta categoria, compreender as implicações dos conteúdos dos ritos de iniciação feminina no PEA e na sociedade. Para tal, foram elaboradas três perguntas sobre o assunto, sendo a primeira: que implicações pedagógicas e sociais têm os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina? Face a esta questão todos entrevistados de acordo o quadro 1, consideraram:

Quadro 1: Implicações pedagógicas e sociais dos ritos de iniciação feminina.

Nº ord	Implicações	
	Pedagógicas	Sociais
Negativas		
01	Fraco rendimento pedagógico	Aumento de casos de uniões precoces
02	Abandono escolar	Aumento de casos de desemprego
03	Baixo nível de escolaridade	Aumento de casos de fístula obstétrica
04	Fraca frequência/ingresso	Aumento de taxa de natalidade
05		Aumento da vulnerabilidade sexual
06		Aumento de casos de grávidas precoces
Positivas		

01	Respeito	Respeito
02	Quebra da mitologia	Quebra da mitologia
03	Nível de higienização	Nível de higienização
04		Ausência do medo
05		Prazer sexual para o homem

Fonte: adaptado pelo autor, 2024.

Na segunda questão desta categoria, foi: que impacto tem na sociedade e no PEA os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina? Face a esta questão os entrevistados dos RAC, RML, e RMR consideraram que os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina são positivos porque preparam a mulher para uma vida conjugal, higienização, respeito e amor ao próximo. Ainda na mesma questão os entrevistados dos RAAL, RIL RDE, RMCE, RPE acreditam que o impacto dos conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina tanto no PEA quanto na sociedade é opcional porque falar do sexo para crianças de 10 a 16 anos de idade é mau e outros acham que isso deve ser desmistificado. Ainda mais avançaram dizendo que o sexo feminino é visto como se fosse uma fonte de geração de renda familiar (emprego, lar, bens materiais e financeiros, etc.) por isso na sua maioria após o ritual contraem matrimónio porque são informadas que o sexo feminino é tudo para a vida da mulher, aliás, no dia que saem dos ritos de iniciação são informadas a fazerem o sexo para tirar “poeira” – *otatta mttupi*, em língua local. É neste momento que os rapazes ficam na “posição” para ser o pioneiro na “inauguração” da rituada e para reconfirmar se de facto ela dominou a matéria ou não.

Na última questão desta categoria, foi: que finalidade tem os conteúdos transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação? Para esta pergunta todos entrevistados assumiram que a finalidade dos conteúdos transmitidos às raparigas durante as cerimónias dos ritos de iniciação femininas é de preparar a menina para a vida futura (conjugar, social e familiar).

Em correlação as implicações pedagógicas e sociais dos conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina, os entrevistados, destacam aspectos negativos como: fraco rendimento pedagógico, abandono escolar, baixo nível de escolaridade, fraca frequência/ingresso, aumento de casos de uniões precoces, desemprego, fistula obstétrica, taxa de natalidade e de vulnerabilidade sexual. Na visão positiva mencionam o fortalecimento do respeito, quebra dos mitos, melhoria da higienização e do prazer sexual. A literatura, na visão de Osório (2015) diz que os ritos de iniciação feminina realizam-se depois da primeira menarca onde as meninas por

força dos pais muitas vezes são obrigadas a uma união precoce que culmina em abandono escolar, gravidez precoce, surgimento de doenças e de lesões graves como a fístula obstétrica. São obrigadas a não rejeitar qualquer pedido sexual do seu marido mesmo em conflitos sociais, devem ser submissas ao homem em todos aspectos. Os documentos apresentados pela direcção da escola (actas, sínteses) das sessões do Conselho de Escola, mostram que os conteúdos abortados nos ritos de iniciação feminina são positivos porque preparam a mulher para uma vida conjugal, higienização, respeito e amor ao próximo. Na comunidade assim como na escola percebemos que o sexo feminino é visto como se fosse uma fonte de geração de renda familiar (emprego, lar, bens materiais e financeiros, etc.).

4.7. O Impacto dos ritos de iniciação feminina no PEA e na sociedade

Com esta categoria, pretendíamos saber do impacto dos ritos de iniciação feminina no PEA e na sociedade. Para responder este objectivo, foram elaboradas três perguntas sobre o assunto, sendo a primeira: que importância tem os ritos de iniciação feminina na sociedade e no PEA? Face a esta questão todos entrevistados consideraram que os ritos de iniciação feminina são importantes porque:

- ✓ Promove o respeito com o próximo;
- ✓ Quebra o medo do acto sexual;
- ✓ Quebra os mitos culturais e sociais;
- ✓ Aumenta o nível de higienização feminina;
- ✓ Permite participar em cerimónias fúnebres;
- ✓ Cria condições prazerosas ao homem;
- ✓ Promove a capacidade de gestão do lar e da família; e
- ✓ É uma actividade de renda para as matronas, madrinhas e os líderes tradicionais, etc.

Na segunda questão desta categoria, foi: que consequências têm os ritos de iniciação feminina na sociedade e no PEA? Na sequência desta questão, os entrevistados convergiram considerando que os ritos de iniciação feminina têm as seguintes consequências:

- ✓ A preparação da mulher para enfrentar o lar e a vida social, cultural e familiar;
- ✓ A ser submissa a seu parceiro;
- ✓ A manter a higienização, respeito e amor ao próximo;
- ✓ A promoção das uniões prematuras e gravides precoce;
- ✓ Ao abandono escolar;

- ✓ Ao fracasso escolar;
- ✓ A vulnerabilidade sócio-económica e política;
- ✓ Ao aumento do desemprego na comunidade;
- ✓ Aumento de casos de fístula obstétrica;
- ✓ Aumento da taxa da natalidade e mortalidade infantil;
- ✓ A manter relações sexuais ao prazer do homem;
- ✓ A saber fazer reservas alimentares especiais para o marido; etc.

Na terceira e última questão desta categoria, foi: que relação tem os ritos de iniciação feminina com o PEA? Para esta questão, os entrevistados assumiram que a relação entre os ritos de iniciação feminina e o PEA é de preparar a menina para a vida futura diferenciando-se no seu modo de realização/abordagem. O PEA é estruturado, tem programas de ensino, tem períodos de realização, tem documentos orientadores, um grupo de gestores do processo, orçamento do Estado/Privado, infra-estruturas próprias, etc. enquanto os ritos de iniciação feminina é somente a instrução a qualquer período do ano que a menina quebrar a virgindade (menarquia) e a familiar se tiver condições para a realização da cerimónia e ela ocorre nas residências particulares.

Os entrevistados consideraram que os ritos de iniciação feminina são importantes porque: promovem o respeito com o próximo, quebram o medo do acto sexual e dos mitos culturais e sociais, aumenta o nível de higienização feminina, permitem a participação em cerimónias fúnebres, criam as condições prazerosas ao homem durante o acto sexual, promovem a capacidade de gestão do lar e da família, é uma actividade de renda para as matronas e os líderes tradicionais, etc. A literatura mostra que de acordo Pedro (2020), os ritos de iniciação possuem dois aspectos contrários, por um lado contribuem positivamente para a educação e o comportamento dos jovens transmitindo bons valores culturais e sociais, por outro lado prejudicam o processo de ensino aprendizagem e a frequência escolar dos indivíduos iniciados consequentemente, contribui para a desistência dos alunos na escola. Os documentos existentes e apresentados pela Direcção da Escola, (Relatórios Anuais, Actas e Sínteses das reuniões da Escola) ditam que o impacto dos ritos de iniciação feminino é positivo por um lado e é negativo por outro visto que transmite valores socioculturais de uma sociedade e em algum momento, transgridem leis sociais e jurídicas. Na mesma senda, o que vivenciamos na comunidade e na escola é que elas são factores primários das uniões e gravidezes precoces (muitas vezes condicionadas pelos pais), transmissão de diversas enfermidades de origem sexual e do abandono escolar (aumentando o desemprego e o analfabetismo) na região. Igualmente, são promotores da conservação da identidade e do mosaico cultural da região.

4.8. A Periodicidade ou calendarização dos ritos de iniciação feminina

Com esta oitava categoria, pretendíamos perceber da periodicidade ou calendarização das sessões dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. Para a operacionalização deste objectivo, foram definidas três questões, sendo a primeira: em que período do ano são realizados os ritos de iniciação feminina? No que tange a esta questão todos entrevistados foram unânimes em afirmar que não há um período específico do ano para a realização dos ritos de iniciação feminina, isto depende do período da menarca da menina e das condições socioeconómicas dos pais ou do encarregado. Disseram ainda mais que há casos em que a menina auto-submete-se numa cerimónia não organizada por ela e muito menos pela sua família, por simples curiosidade. Neste último caso as despesas tornam-se mais avultados.

A segunda questão desta categoria, foi: que implicações pedagógicas têm os ritos de iniciação feminina com a periodicidade? De acordo a questão, os entrevistados dos RAAL, RIL, RDE, RMCE e RPE afirmaram que as implicações pedagógicas dos ritos de iniciação feminina são vários, no entanto, destacaram as seguintes:

- ✓ Desistência escolar;
- ✓ Insucesso escolar;
- ✓ Uniões prematuras;
- ✓ Grávidas precoces;
- ✓ Assédio sexual para os intervenientes do PEA;
- ✓ Desfalque da renda/economia familiar; etc.

Enquanto os entrevistados dos RAC e dos RML disseram que não tem nenhuma implicação porque cada um faz o seu papel de educar a menina como forma de prepara-la para a sua vida futura e preparação não tem dia e muito menos hora. Disseram ainda mais que eles são comunicados pelos pais ou encarregados para participar o evento. A entrevistada da RMR absteu-se do assunto em discussão.

Na terceira questão desta categoria, foi: em que período do ano sugere a realização dos ritos de iniciação feminina? Para esta questão, os entrevistados dos RAAL, RIL, RDE, RMCE e RPE sugeriram que seja no final do ano, período das férias de modo que não prejudique a menina no PEA. Na mesma questão, os entrevistados dos RAC, RML e RMR disseram que não há inconveniência realizar-se nos finais de semana do ano uma vez que o processo leva três dias.

Pese embora este posicionamento, este último grupo, acredita que havendo formas poderia sim haver regras para a sua execução porque em qualquer sociedade deve haver regras.

Na entrevista percebemos que não há um período específico do ano para a realização dos ritos de iniciação feminina, porém, depende do período da 1ª menarca da menina e das condições socioeconómicas dos pais ou do encarregado assim como das condições agro-ecológicas e ambientais. A literatura, mostra como se refere Osório (2015) que os ritos de iniciação feminina são realizados depois da primeira menarca. Os documentos apresentados pela direcção da Escola (Actas dos Conselhos de Escola, Relatórios Trimestrais) apontam que a falta de definição de calendários nas comunidades pelas lideranças tradicionais e comunitárias sobre o processo dos ritos de iniciação feminina interferem negativamente no PEA assim como nas respectivas comunidades. Visitadas as comunidades, aferimos que os ritos de iniciação feminina, ocorrem a qualquer período do ano, do mês e da semana dependendo das condições sócio-económicas dos encarregados e autorização da liderança tradicional e comunitária, tendo como requisito primário, a primeira menarca.

4.9. As Estratégias eficazes da prática/realização dos ritos de iniciação feminina

Pretendíamos nesta categoria, colher estratégias sustentáveis da prática ou da realização dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. Para a concretização deste objectivo, foram elaboradas três questões, sendo a primeira: que estratégias sustentáveis devem ser tomadas em consideração na realização dos ritos de iniciação feminina? Para esta questão todos entrevistados arrolaram as seguintes:

- ✓ Definição de calendário de realização dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais (fim do ano lectivo escolar ou período das interrupções lectivas) para evitar as desistências massivas e ou fraco rendimento pedagógico;
- ✓ Definição da idade cronológica mínima de ingresso nos ritos de iniciação feminina (17 a 18 anos de idade) para evitar uniões prematuras e grávides precoces e indesejadas;
- ✓ Construção de centros de promoção cultural local para evitar que sejam realizados no meio da comunidade;
- ✓ Selecção e transmissão de conteúdos construtivos e de valor sociopolítico e que adequam a idade cronológica da rapariga;
- ✓ Evitar a dramatização do acto sexo durante a instrução porque estimula a vulnerabilidade sexual, económica e social logo após o termo da instrução;

- ✓ Capacitação das matronas locais em matéria de valor dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais na sociedade e no PEA em função da idade cronológica; etc.

Na segunda pergunta desta categoria, foi: das estratégias ora arroladas quais acha mais convenientes e prioritárias? Face a esta questão todos entrevistados disseram que todas são prioritárias porque todas convergem para o bem do PEA, dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais, do Estado e da sociedade em geral.

A terceira e última questão desta categoria, foi: quais das estratégias prioritárias e primárias acha serem da aplicação do Governo e da sociedade? Para esta pergunta todos entrevistados definiram as seguintes:

a) Para o Governo:

- ✓ Definição de calendário de realização dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais (fim do ano lectivo escolar ou período das interrupções lectivas) para evitar as desistências massivas e ou fraco rendimento pedagógico;
- ✓ Definição da idade cronológica mínima de ingresso nos ritos de iniciação feminina (17 a 18 anos de idade) para evitar uniões prematuras e grávidas precoces e indesejadas;

b) Para a sociedade

- ✓ Construção de centros de promoção cultural para evitar que sejam realizados no meio da comunidade;
- ✓ Selecção e transmissão de conteúdos construtivos e de valor sociopolítico e que adequam a idade cronológica da rapariga;
- ✓ Evitar a dramatização do acto sexo durante a instrução porque estimula a vulnerabilidade sexual, económica e social logo após o termo da instrução;
- ✓ Capacitação das matronas locais em matéria de valor dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais na sociedade e no PEA em função da idade cronológica das rituadas.

Na entrevista, as estratégias foram focalizadas para o Governo local e a Escola, a liderança tradicional/comunitária e administrativa local, e os pais, encarregados de educação e a sociedade civil em geral, nos quais destacaram: a calendarização das sessões dos ritos de iniciação feminina, a idade cronológica mínima que deve ser de 17 a 18 anos de idade, a definição de critérios e taxas de realização da actividade ritual, e vigilância do estado higiénico e saneamento do meio do local de realização do ritual, selecção de conteúdos aceitáveis na comunidade e que

adequam a idade cronológica da rituada, capacitação das matronas locais, cumprimento das orientações emanadas pelos órgãos competentes, construção de centro de promoção cultural local, não dramatização do acto sexual durante a instrução para menores de idade. A literatura, defendida por Osório (2015) olha as estratégias como um imperativo categórico e social uma vez que segundo o autor as raparigas na sua maioria são submetidas aos ritos de iniciação femininas nas zonas rurais com 11 e 12 anos de idade e por intermédio de canções, manipulam objectos “postigos” do sexo masculino e fazem simulação da relação sexual e são preparadas a assumir o homem como seu “dono” e como seu patrão no entanto chefe da família. Os documentos apresentados pela Direcção da Escola (Relatório Anual, Acta do Conselho de Escola), mostram que a luta da Escola é combater a descalendarização do processo, a disseminação de acções e práticas sexuais e ou uniões/grávidas a menores de idade, mas sim promover a educação e cultura tradicional e preservá-la às gerações vindouras.

O que observamos na comunidade e na escola é que há vontade de mudar o paradigma dos ritos de iniciação feminina somente necessitam de um comando no concernente a necessidade de calendarização das cerimónias, a idade cronológica de participação, a criação de centros de educação sociocultural, a selecção de conteúdos construtivos e de valor sociopolítico, o evito de uso de postigos dos aparelhos reprodutores humanos e dramatização do acto sexuais a menores de idade assim como a capacitação das matronas em diversos procedimentos metodológicos de educação.

4.10. A Ética

Com esta categoria, pretendíamos perceber do quão a ética contribui nos valores morais e culturais na sociedade após a realização dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. Para a operacionalização deste objectivo, foram elaboradas três questões, sendo a primeira: O que entende por ética? No concernente a esta questão, os entrevistados dos RAC, RIL e RML disseram que a ética é um conjunto de regras e valores morais aceites por um grupo social. Na mesma questão, os entrevistados dos RAAL, RMR, RDE, RMCE e RPE defenderam que a ética é um conjunto de regras, normas e princípios que regulam o comportamento ético de uma sociedade.

Na segunda questão desta categoria, foi: que relação existe entre a ética com os ritos de educação feminina? Nesta questão, os entrevistados dos RAC, RMR e RML acreditam que a ética se relaciona sim com os ritos de iniciação feminina porque os ritos de iniciação preparam a

menina para saber ser e estar na sociedade. Na mesma questão, os entrevistados dos RAAL, RIL, RDE, RMCE e RPE responderam o seguinte: existe pouca relação porque a ética é um carácter da pessoa, mas também pode ser desenvolvida no meio envolvente do ser humano enquanto os ritos de iniciação feminina são práticas culturais de uma comunidade que tem por objectivo de moldar a mulher para uma vida conjugal e social.

A terceira questão desta categoria, foi: que importância tem a ética na sociedade e no PEA? Para operacionalizar esta questão, todos entrevistados acreditam que a ética é importante tanto na comunidade quanto no PEA visto que ela é reguladora do comportamento desajustado do ser humano (fazer o bem e evitar o mal). Portanto, põe o Homem à consciência quanto praticado algo do errado ou do bem dentro da sociedade.

Nesta ordem de ideias, ficamos cientes que a ética é um conjunto de regras, normas e princípios que regulam o comportamento ético de uma sociedade e se relaciona com os ritos de iniciação feminina porque os ritos de iniciação feminina e a ética preparam a menina para saber ser e estar na sociedade como nos remete Para Vickers (2005), a ética é “o conjunto de princípios morais ou valores das pessoas/sociedade, que indicam o que é certo ou errado, bom ou mau, influenciando a forma de agir dos indivíduos” (p. 33). Durante a observação, vimos que as meninas rituadas têm a tendência de proteger o seu corpo e sofrem de complexo de inferioridade perante ao homem, para dar algo ou saudar precisam de ajoelhar primeiro, reduz as brincadeiras.

4.11. Moral

Nesta categoria, pretendíamos perceber do quão a moral contribui nos valores éticos e culturais na sociedade após a realização dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. Para a concretização deste objectivo, foram definidas três questões de estudo, sendo a primeira: o que é a moral? No concernente a esta questão, os entrevistados dos RAC, RIL, RMR e RML disseram que a moral é o juiz social (julga e condenada o comportamento aceitável ou não aceitável dentro da organização ou sociedade). Na mesma questão, os entrevistados dos RAAL, RDE, RMCE e RPE defenderam que a moral é um conjunto de normas, regras e princípios sociais cujas quanto violadas, colocam a avaliação dos danos morais em função da ética, da cultura e da religião fluente da zona.

Na segunda questão desta categoria, foi: que relação existe entre a moral com os ritos de educação feminina? Nesta questão, dos entrevistados, os RAC, RMR e RML disseram que há semelhança entre a moral e os ritos de iniciação feminina visto que tanto a moral quanto os ritos

de iniciação feminina preparam a menina para saber ser e estar na sociedade evitando fazer o mal ao seu próximo e ambos exigem o respeito das leis sociais, as quais promovem e despromovem a sociedade dentro da organização ou pessoa.

Na última questão desta categoria, foi: que importância tem a moral na sociedade e no PEA? Para a operacionalização desta questão, todos entrevistados acreditam que a moral visa regular e ajuizar o comportamento humano na comunidade e no PEA para promover uma sociedade culturalmente justa, culta e humanitária.

Neste estudo, percebemos que a moral é o juiz social (julga e condena o comportamento aceitável ou não aceitável dentro da organização ou sociedade e relaciona-se com os ritos de iniciação feminina visto que a ambos visam regular e ajuizar o comportamento humano na comunidade e no PEA promovendo uma sociedade culturalmente justa, culta e humanitária com o seu próximo como nos remete o Ministério de Administração Estatal e Função Pública e Instituto de Formação em Administração Pública e Autárquica (s/d), que a moral “é um conjunto de normas que regulam o comportamento do Homem em sociedade, adquiridas no contexto da socialização, educação, tradição, e convivência social” (p. 6). Na comunidade de Namahia Terrene, uma mulher não deve casar ou nascer sem passar pelos ritos de iniciação feminina (ética) quando ela é casada ou nasce sem para pelos ritos de iniciação feminina é julgada socialmente, isto é, perde a sua credibilidade social/reputação (moral).

4.12. Sugestões sobre a prática dos ritos de iniciação feminina

Pretendíamos nesta categoria, colher sugestões dentro dos grupos ora representados sobre as boas práticas dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. No entanto, para a concretização deste objectivo, foram elaboradas três questões, sendo a primeira: que sugestões deixa para o Governo e para a escola? Atinente a esta questão os entrevistados sugeriram o seguinte:

Em coordenação com as autoridades comunitárias/espirituais, locais, as matronas e as pessoas influentes locais sugeriram:

- ✓ O calendário de realização dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais priorizando o fim de ano lectivo escolar ou período das interrupções lectivas para evitarem as desistências massivas e ou fraco rendimento pedagógico;
- ✓ A idade cronológica mínima de ingresso nos ritos de iniciação feminina sendo de 17 a 18 anos de idade para evitar uniões prematuras e grávidas precoce e indesejadas;

- ✓ Os critérios de realização dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais (normalização);
- ✓ As propostas de taxas para o pagamento pela actividade realizada uma vez que se trata de uma actividade de renda para as matronas e líderes comunitários de modo a servir de fonte de receita para o Governo Local; e
- ✓ Velar pelo estado higiénico e saneamento do meio do local de realização do ritual com vista a promover a saúde pública e individual dos envolvidos no processo.

Na segunda pergunta desta categoria, foi: que sugestões deixa a liderança tradicional e administrativa local? Face a esta questão, os entrevistados disseram o seguinte, é necessário:

- ✓ Colaborar com as autoridades Administrativas locais e a escola;
- ✓ Respeitar o calendário escolar e dos ritos de iniciação feminina;
- ✓ Evitar cerimoniar crianças abaixo de 17 anos de idade;
- ✓ Apoiar na construção do centro de promoção cultural local;
- ✓ Seleccionar e transmitir conteúdos aceitáveis na comunidade e documenta-los;
- ✓ Evitar a dramatização do acto sexual durante a instrução feminina de menores;
- ✓ Capacitar as matronas locais em matéria de educação tradicional e cultural de modo a preservar o mosaico e identidade cultural e valorar os ritos de iniciação feminina;
- ✓ Velar pelo estado higiénico e saneamento do meio do local de realização do ritual; e
- ✓ Divulgar os critérios e as taxas de pagamento aprovados pelo Governo Local.

4.13. Resultados da observação não-participante

Para além da entrevista realizada para a colecta dos dados da pesquisa no local de estudo, foi necessário a observação do meio envolvente, para aferir o grau de assiduidade e pontualidade das raparigas e capacidade de retenção, o nível das uniões e grávidas precoces e o desempenho pedagógico das raparigas rituadas para o sustento da entrevista.

No local em estudo, notamos a existência de livros de turma para o controlo de assiduidade e pontualidade dos alunos assim como dos professores, Mapas de aproveitamento pedagógico do período em análise que espelha o rendimento período dos alunos (1º trimestre, 2º trimestre e 3º trimestre), fraca presença física dos alunos (rapariga), relatórios anuais do período em análise, algumas actas das sessões dos Conselhos de escola, mapas estatísticos (3/3 – ensino formal e 15/3 – alfabetização e educação de adultos) e o nível de cumprimento do programa.

4.14. Resultados da análise documental

Os documentos, ora apresentados nomeadamente: relatórios anuais de 2022 e 2023, Mapas estatísticos anuais sobre alunas matriculadas e chegadas ao fim do ano 2022 e 2023, Mapas de aproveitamento pedagógico anual de alunas matriculadas e inscritas 2022 e 2023, Grelha de desempenho anual da rapariga 2022 e 2023 e Pautas e livros de turma 2022 e 2023 permitiram-nos perceber do impacto pedagógico dos ritos de iniciação feminina das zonas rurais. Os documentos mostram que há desistências sim de alunas até mesmo no final do 1º semestre cujos motivos são o nomadismo, uniões e grávidas precoces que condicionam o complexo de inferioridade e ciúmes, em algum momento contribuem negativamente para o rendimento pedagógico da rapariga na escola porque a maior parte do tempo dedicam-se nos trabalhos domésticos e do seu parceiro conforme o aprendizado durante o ritual, as distâncias percorridas para encontrar uma escola Básica é outro factor condicionante que pode variar num raio teórico de 15km a 20km. As condições sócio-económicas, agro-ecológicas e infra-estruturais da Escola são outros fenómenos que interferem no Processo de Ensino-Aprendizagem.



CONCLUSÃO



CONCLUSÃO

Com a temática do impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural, percebemos que o ensino como tal, tem pouca relevância na comunidade relativamente a instrução que ocorre durante o processo dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais. A instrução tem a aplicação imediata na vida sócio-económica e o ensino necessita de completar com uma outra preparação teórico-científica e técnico-prática e isso carece de mais custos adicionais. Exemplo concreto, é o ensino que se frequenta no Sistema Nacional de Educação em Moçambique que para ter emprego no Estado ou no Privado deve ter outra preparação teórico-científica e técnico-prática para o saber fazer, isto é, para ter o domínio psico-motor.

Nas zonas rurais a educação tradicional é uma identidade cultural que deve ser preservada e valorizada. Os ritos de iniciação feminina sendo uma prática cultural e de impacto social é um percalço da vida socioeconómica e política. É nesta prática, onde as meninas são educadas com as matronas para manter o respeito ao próximo e a vida social. Igualmente, são instruídas as diferentes formas da vida conjugal, do acto sexual e a quebra dos mitos sexuais. A cultura é uma herança social e um bem comum muito valioso na comunidade que não deve ser definhada por qualquer povo independentemente da sua cor partidária, raça, etnia ou poder económico e social porque ela é o povo e o povo é cultura por isso, deve ser valorizada, respeitada e conservada para as futuras gerações.

No que diz respeito a cultura, percebemos que é uma soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade ao longo da sua história que devem ser preservados do passado ao presente através das gerações mais experientes às menos experientes, portanto, onde os Homens vivem um ambiente por eles criado para uma convivência sã e harmoniosa e tem como finalidade regular a nossa convivência e nossa comunicação em sociedade. Uma das culturas transmitidas em cerimónias de solenes são os ritos de iniciação sendo masculinas e femininas.

A pesquisa nos mostrou que uma das funções da praticidade dos ritos de iniciação é a preservação dos valores éticos sejam eles sociais ou profissionais como forma de regular o seu estado emocional durante o exercício competente da sua profissão ou na convivência social. Portanto, orientar o comportamento do Homem em relação a outro Homem na sociedade em que vive garantindo assim o entendimento e a harmonia social. Numa outra proposição, a ética é conjunto de regras, princípios e valores morais que regem a um indivíduo ou grupo de indivíduos que vivem numa sociedade fazendo o bem e evitando o mal.

Percebemos ainda que em sociedade se vive na base de um conjunto de costumes, crenças, valores e normas de uma pessoa ou grupo social e elas são orientadas para um agir sobre o bem ou o mal – o certo ou o errado de uma determinada acção ou comportamento de uma sociedade orientada para um futuro sem discriminação e de oportunidades iguais. E, isto, é designado por moral que significa costume, ou conjunto de normas ou regras adquiridas com o passar do tempo para preservar o futuro.

Percebemos ainda que as raparigas são submetidas aos ritos de iniciação com a idade de 11 a 12 anos por intermédio de canções, manipulação de objectos “postigos” do sexo masculino e simulação da relação sexual e são preparadas a assumir o homem como seu “dono” e como seu patrão no entanto chefe da família. Após o ritual o desafio é pôr em prática o novo aprendizado violando assim os direitos da criança e consequentemente aumentando as uniões precoces, o desemprego, as desistências escolares, os casos de fístula obstétrica, mortes nas maternidades, etc. e é o veículo de matrimónio sem se preocupar mais pela escola abandonando assim a educação formal porque para ela o seu sexo já é tudo para a vida dela.

Igualmente, percebemos que há muitas implicações fatais para a sociedade e a escola, o impacto dos conteúdos dos ritos de iniciação feminina nas zonas rurais é a desmitificação do acto sexual e a finalidade é de promover o prazer sexual, da solidificação da vida conjugal e a inserção na sociedade vivente. O impacto dos ritos de iniciação feminino é positivo por um lado e é negativo por outro visto que transmite valores socioculturais de uma sociedade e em algum momento, transgridem as leis sociais e jurídicas. Outrossim, as consequências dos ritos de iniciação feminina são adversas porque são benéficas por um lado (promoção da identidade e mosaico cultural de um povo) e prejudiciais por outro (violação dos direitos humanos e da criança e ademais legislações). Em fim, acreditamos que há uma inter-relação de complementaridade entre o PEA e os ritos de iniciação feminina para a formação humano, carecendo porém, de juntar o útil e o agradável de forma focalizada, objectiva e intencional.

Os ritos de iniciação feminina devem ter uma delimitação temporal e espacial de modo a não influenciar ou interferir nas actividades de natureza académica e social. No entanto, não devem ser cancelados por ser um processo cultural e com fins formativos dentro da sociedade. É daí, que a calendarização das cerimónias, a definição da idade cronológica de participação, a criação de centros de educação sociocultural, a selecção de conteúdos construtivos e de valor sociopolítico e cultural, o evito de uso de postigos dos aparelhos reprodutores humanos e

dramatização do acto sexuais assim como a capacitação das matronas em diversos procedimentos metodológicos de educação devem ser observados estritamente pelos actores.

Ficamos cientes que a liderança local, os pais e ou encarregados de educação e a sociedade civil, omitem denúncias de uniões e grávidas precoces com o medo de culpabilidade, visto que em algum momento os praticantes ou promotores são membros familiares, daí que termina por negociações entre a família e o promotor. Por outro lado, os pais são os que orientam ou induzem as filhas para o matrimónio precoce cujo intuito é de usufruir (beneficiar-se) de algo da filha antes da sua morte.

Em correlação ao aproveitamento pedagógico é opcional porque existem meninas com o foco da sua formação e com capacidade mental que adquirem um rendimento pedagógico desejado. Em 2023 por exemplo das 426 raparigas que chegaram ao fim de ano lectivo, tiveram 96% de rendimento pedagógico positivo e as outras não. As distâncias percorridas para encontrar uma escola Básica é o outro factor condicionante que pode variar num raio teórico de 15km a 20km. As condições sócio-económicas, agro-ecológicas e infra-estruturais da escola são outros fenómenos que interferem no Processo de Ensino-Aprendizagem violando assim o princípio de obrigatoriedade do ensino básico, previsto no número 1 do artigo 7 da Lei nº 18/2018 de 28 de Dezembro, e aumento do analfabetismo no País. Um dado não menos importante a nossa pesquisa é que os ritos de iniciação feminina constituem uma actividade de renda para as matronas e os líderes tradicionais, daí que o Governo deve aproveitar e estipular um certo valor simbólico de taxas para contribuir na receita do Governo.

Estamos convictos que com este trabalho, a sociedade do distrito de Muecate, do Posto Administrativo de Imala, da localidade de Namahia-Grácio e de Terrene em especial, nas diferentes esferas e extractos sócio-profissionais, irá contribuir na melhoria das suas práticas rotineiras em correlação a realização dos ritos de iniciação feminina em termos de periodicidade, conteúdos de abordagem, idade cronológica de submissão da menina ao processo ritual, locais de realização através de centros, o estado de saneamento do meio dos locais de realização, e nos domínios cognitivo, afectivo e psicomotor das matronas. No mundo académico, trouxe uma abordagem do modo vivente (cultura típica) do povo terrene. Para as futuras pesquisas sugere-se que se faça um estudo aprofundado sobre os valores culturais na vida sócio-económicas, académicas e políticas do Distrito, no entanto Polo de Desenvolvimento. Igualmente, propõe-se, um estudo aprofundado sobre os conteúdos transmitidos nos ritos de iniciação feminina, os quais impulsionam o matrimónio e gravidezes precoces.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Academia Militar “Marechal Samora Machel (2023). *Normas de elaboração e apresentação de trabalhos académicos* (3ª ed.). Nampula, Moçambique: AM “MSM”.
- Albuquerque Júnior, Durval Muniz de (2009). *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo, Brasil: Cortes editora.
- Aranha, Maria Lúcia de Arruda (2000). *Filosofia da educação moderna*,
- Assembleia da República de Moçambique (2018). *Lei nº 18/2018 de 28 de Dezembro: Sistema Nacional de Educação*. Moçambique. Maputo. Imprensa Nacional. Boletim da República. I Série número 254.
- Barbosa, Adérito Gomes. (2007). *O valor da gruidade na educação de jovens*. Lisboa, Portugal: Universidade Católica editora.
- Bonnet, João Alberto de Sá e Ivala, Adelino Zacarias. (1999). *Educação da rapariga no Norte*. Nampula: Cooperação Suíça.
- Caldeira, Anna Maria Salgueiro e Azzi, Sandra (2003). *Didáctica e Construção da Praxis Docente: Dimensões Explicativas e Projectivas*. Campinas. Papirus.
- Canedo, Daniel Pereira (2009). *Cultura, Democracia e Preparação Social*. Brasil: UFBA Editora
- Cascais, Maria Das Graças Alves Terán (2014). *Educação formal, informal e não formal na educação em Ciências, Ciência em Tela*. Rio de Janeiro.
- Chamon, Edna Maria Querido de Oliveira e Sales, Adriano de Castro Menezes (2012). *Análise de um modelo para a formação de professores e suas aplicações*. Curitiba, Brasil: UFPR Editora.
- Ciscato, Elia (2012). *Introdução à cultura da área makhwa e lomuwe*. Clássica – Artes Gráficas. Porto.
- Delors, Jacques Lucien Jean (1996). *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Educação um tesouro a descobrir*.

- Durkheim, Émile (1978). *Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; o suicídio; as formas elementares da vida religiosa*. São Paulo. Brasil.
- Felipe Kátia (2011). *O Turismo Cultural no Contexto da Gestão do Património Cultural*. Maputo, Moçambique: UEM
- Gadotti, Moacir (2005). *A questão da educação formal/não-formal*. Sion: Institut Internacional des Droits de 1º Enfant,
- Gago, Marília (2012). *Pluralidade de olhares: construtivismo e multiperspectiva no processo de aprendizagem*. Lisboa.
- Gil, António Carlos (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas Editora.
- Gohn, Maria da Glória (2006). *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Rio de Janeiro. Brasil.
- Governo do Distrito de Muecate (2024). *Relatório Balaço Anual do PESOD 2022 – 2023*. Muecate. 1ªs Sessões Ordinárias do Governo do Distrito/2023 – 2024.
- Haydt, Regina Célia Cazaux (2011). *Curso de Didáctica Geral* (1ª ed.). São Paulo, Brasil: Ática Editora.
- Hurtado, Maria Paola Gómez (2018). *Estilos de enseñanza y modelos pedagógicos*. Universidad Piloto de Colombia.
- Informação explorada em <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/> no dia 17 de Fevereiro de 2024 pelas 01:53 horas.
- Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação (2012). *Módulo de Psicopedagogia: Formação de Professores do Ensino Primário*. Maputo, Moçambique: INDE.
- Laraia, Roque de Barros (2003). *Cultura. Um conceito antropológico*. (16th ed.). Rio de Janeiro. Brasil: Jorge Zahar Editor.
- Libâneo, José Carlos (1990). *Didáctica*. São Paulo, Brasil: Cortez editora.
- Libâneo, José Carlos (2013). *Didáctica* (2ª ed.). São Paulo, Brasil: Cortez editora.

- Libâneo, José Carlos. (2009). *Pedagogia e Pedagogos Para Quê?* (11ª ed.). São Paulo, Brasil: Cortez editora.
- Luckesi, Cipriano (1999). *Filosofia da Educação*. São Paulo, Brasil: Cortez editora.
- Marconi, Marina de Andrade e Lakatos, Eva Maria (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica* (5ª ed.). São Paulo, Brasil: Atlas Editora.
- Martinez, Francisco Lerma (2009). *O Povo Macua e a sua Cultura*. Maputo (3ª ed.) Brasil: Paulinas Editorial.
- Medeiros, Eduardo da Conceição (2007). *Os Senhores das Florestas: Ritos de Iniciação dos rapazes macuas e Lomues* (1ª ed.). Maputo, Moçambique: Centro de estudos Africanos.
- Menegolla, Maximiliano; Sant'anna, Ilza Martins (2002). *Por quê planejar? Como planejar? currículo, área, aula* (12ª. Edição). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ministério de Administração e Função Pública, Instituto de Formação em Administração Pública e Autárquica (s/d). *Ética e Deontologia Profissional*. Maputo, Moçambique: MAFP/IFAPA.
- Nérici, Imídeo Giuseppe (1990). *Introdução à supervisão escolar*. (5ª ed.). São Paulo. Brasil. Atlas Editora S.A.
- Osório, Citor Afonso (2014). *Os Ritos de Iniciação*. Maputo, Moçambique: WLSA.
- Osório, Conceição (2015). *Os Ritos de Iniciação: Identidades femininas e masculinas estruturas de poder*. Maputo, Moçambique. WLSA.
- Osório, Conceição e Macuácuá, Ernesto (2013). *Os Ritos de Iniciação no contexto actual: Ajustamentos, rupturas e confrontos construindo identidades de género*. Maputo, Moçambique. Maria José Arthur Editora.
- Pedro, Gilda (2020). *Ritos de iniciação e o processo de ensino-aprendizagem no espaço sociocultural de Moçambique*. Maputo, Moçambique: UEM.
- Perez, Deives (2013). *Modalidades de educação e Trabalho do Professor: Do contexto histórico da educação formal aos saberes e práticas contemporâneas da educação não formal*. (Vol. 8, nº 16). Revista Contemporânea.

Piletti, Claudino (2004). *Didáctica Geral* (23ª Edição). São Paulo, Brasil: Ática Editora.

Rasing, Thera (2001). *The Bush Burnt, the Stones Remain: Female Initiation Rites in Urban Zambia*. USA.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). *Métodos de Pesquisa* (1ª ed.). Rio Grande do Sul, Brasil: UFRGS editora.

Vickers, Mauro Roberto (2005). *Business ethics and the HR role: past, present, and future. Human Resource Planning*.

Vieira, Ludmylla de Jesus (2017). *Ética Profissional: Um Estudo Da Percepção Dos Profissionais Contábeis*. Rio Verde. UniRV. Goiás.

Vieira, Sónia (2009). *Como elaborar questionário*. São Paulo, Brasil: Atlas editora.

Apêndices

Apêndice 1: Guião de tópicos e perguntas de entrevista

Estamos a fazer um estudo básico sobre o **Impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na Escola Básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, 2022 – 2023** na qual pretendemos analisar o impacto dos mesmos na vida social, académica, económica, política e profissional. Dai que, pretendemos criar um espaço de conversa com o/a senhor/a cujas respostas serão gravadas de forma anónima. Conforme ilustra o quadro 2 em a abaixo.

Quadro 2: Guião de tópicos e perguntas de entrevista

Nº	Tópico	Pergunta	Resposta
1	Os Processos Cognitivos (ensino, instrução e aprendizagem)	Que diferença existe entre o ensino e a instrução?	
		Que relação existe entre o ensino e a instrução?	
		Que vantagem/desvantagens tem o ensino e a instrução?	
2	A Educação	O que é a educação e onde ocorre?	
		Qual é a finalidade da educação?	
		Que importância tem a educação para a humanidade?	
3	A Cultura	O que é a cultura e quais são os tipos de cultura mais praticada?	
		Como são transmitidos os hábitos e costumes culturais as novas gerações?	
		Que importância tem a cultura e como devemos preservá-la?	
4	Os Ritos de iniciação feminina	O que são ritos de iniciação feminina?	
		Que importância tem os ritos de iniciação feminina?	
		Que influencia tem os ritos de iniciação feminina na sociedade e no Processo de Ensino-aprendizagem	
5	A Idade cronológica das raparigas rituadas	Em que idade as raparigas são submetidas aos ritos de iniciação feminina?	
		Que relação existe entre a idade cronológica das raparigas com os conteúdos abortados nos ritos de iniciação feminina?	

		Qual é a idade ideal para uma rapariga ser submetida aos ritos de iniciação feminina?	
6	Os Conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina e suas implicações no PEA e na sociedade	Que implicações pedagógicas e sociais têm os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina?	
		Que impacto tem na sociedade e no PEA os conteúdos abordados nos ritos de iniciação feminina?	
		Que finalidade tem os conteúdos transmitidos às raparigas nos ritos de iniciação?	
7	O Impacto dos ritos de iniciação feminina no PEA e na sociedade	Que importância tem os ritos de iniciação feminina na sociedade e no PEA?	
		Que consequências têm os ritos de iniciação feminina na sociedade e no PEA?	
		Que relação tem os ritos de iniciação feminina com o PEA?	
8	A Periodicidade ou calendarização dos ritos de iniciação feminina	Em que período do ano são realizados os ritos de iniciação feminina?	
		Que implicações pedagógicas têm os ritos de iniciação feminina com a periodicidade?	
		Em que período do ano sugere a realização dos ritos de iniciação feminina?	
9	As Estratégias eficazes da prática/realização dos ritos de iniciação feminina	Que estratégias consistentes devem ser tomadas em consideração na realização dos ritos de iniciação feminina?	
		Das estratégias ora arroladas quais acha mais convenientes e prioritárias?	
		Quais das estratégias prioritárias e primárias acha serem da aplicação do Governo e da sociedade?	
10	A Ética	O que entende por ética?	
		Que relação existe entre a ética e com os ritos de educação feminina?	
		Que importância tem a ética na sociedade e no PEA?	
11	A Moral	O que é a moral	

		Que relação existe entre a moral com os ritos de educação feminina?	
		Que importância tem a moral na sociedade e no PEA?	
12	Sugestões sobre a prática dos ritos de iniciação feminina	Que sugestões deixa para o Governo e para a escola?	
		Que sugestões deixa a liderança tradicional e administrativa local?	
		Que sugestões deixa para os pais, encarregados e a sociedade?	

Fonte: adaptado pelo autor, 2024

Apêndice 2: Grelha de Observação não-participante

Pretendemos com esta observação complementar as informações colhidas através da entrevista em função dos tópicos e conteúdos abaixo apresentados em quadro 3 abaixo.

Quadro 3: Grelha de Observação não-participante

Nº	Tópico	Conteúdo observado	Resposta
1	Garantia de assiduidade e pontualidade da rapariga na escola e capacidade de retenção	Livro de turma	
		Mapa de aproveitamento pedagógico anual	
		Presença física das alunas no pátio escolar	
2	Unões e gravidezes precoces	Relatórios anuais	
		Actas dos Conselhos de escola	
		Mapa estatístico anual	
3	Desempenho pedagógico da rapariga rituada	Mapa de aproveitamento pedagógico anual	
		Grelha de desempenho pedagógico das alunas	
		Relatório anual	

Fonte: adaptado pelo autor, 2024

Apêndice 3: Guião de análise documental

Solicitamos documentos para aferir a veracidade dos factos e confrontar os dados obtidos pelos entrevistados e os fenómenos ora observados pelo autor e por fim fazer uma fusão em função da cientificidade. Os documentos a serem analisados constam no quadro 4 abaixo.

Quadro 4: Guião de análise documental

Nº	Documentos de análise	Situação de análise	Resposta
1	Relatórios anuais da escola	Aproveitamento pedagógico das alunas	
		Desistências, uniões e gravidezes precoces	
		Assiduidade e pontualidade das raparigas	
2	Mapas estatísticos anuais sobre alunas matriculadas e chegadas ao fim de ano	Alunas matriculadas 3/3	
		Alunas chegadas ao fim de ano	
		Alunas avaliadas e desistidas	
3	Mapas de aproveitamento pedagógico anual de alunas matriculadas e inscritas	Rendimento pedagógico das alunas	
		Desistências das raparigas	
		Número de alunas	◊
4	Grelha de desempenho anual da rapariga	Desempenho pedagógico da rapariga	
		Comportamento da rapariga	
		Número de alunas	
5	Pautas e livros de turma	Desempenho pedagógico da rapariga	
		Comportamento da rapariga	
		Assiduidade e pontualidade	

Fonte: adaptado pelo autor, 2024

Anexos

Anexo 1: Credencial

ACADEMIA MILITAR MARECHAL SAMORA MACHEL
Direcção Científica

Nampula, 15 de Março de 2024

À:

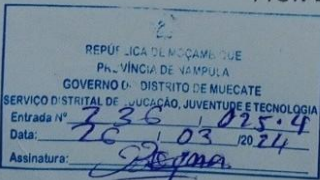
Escola Básica de Terrene-Muecate
=Nampula=

CREDENCIAL

Com vista à produção da dissertação de Mestrado em Administração e Regulação da Educação, com o tema intitulado **Impacto dos Ritos de Iniciação Feminina no Ensino Básico da Zona Rural: Um Estudo de Caso na Escola Básica de Terrene Posto Administrativo de Imala (2022-2023)**, credencia-se o estudante do Departamento de Cursos Pós-laboral, **Rodrigues de Castro**, para proceder à recolha de dados na instituição supracitada.

Solicita-se da vossa parte o apoio necessário.


O Director
Prof. Dr. Nelson Manuel Alfredo Chapala
(Coronel)



30/04/2024.

Apresenta-se nesta instituição de ensino para devidos efeitos.


Rodrigues Amido

Anexo 2: Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

Escola Básica de Terrene, sediada na Localidade de Namahia-Grácio, Posto Administrativo de Imala, Distrito de Muecate, Província de Nampula, representada pelo Senhor Rodrigues Âmido Juma, o qual autoriza a publicação dos resultados da pesquisa com a temática: **Impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na escola básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, 2022 – 2023**, produzido pelo estudante Rodrigues de Castro, do curso de Mestrado em Administração e Regulação de Educação, promovido pela Academia Militar "Marechal Samora Machel", cujos dados foram obtidos nesta Instituição no período 3 de Junho de 2023 a 02 de Maio de 2024.

Terrene, 24 de Outubro de 2024

Representante

 Rodrigues Âmido Juma

O Pesquisador
 Rodrigues de Castro

Anexo 3: Ficha de acompanhamento


 ACADEMIA MILITAR "MARECHAL SAMORA MACHEL"
 DIRECÇÃO CIENTÍFICA
 DEPARTAMENTO DE CURSO PÓS-LABORAL
FICHA DE ACOMPANHAMENTO DE ORIENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Estudante: Rodrigues de Castro
 Tema: Impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na escola básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, 2022 – 2023.
 Orientador: Adérito Gomes Barbosa

Data	Assunto(s) discutido(s)	Horário / tempo	Assinatura do estudante	Assinatura do Supervisor
11.12.2024	Orientações Gerais	2h	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>
13.1.2025	Revisão de Literatura	2h	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>
15.2.2025	Orientações metodológicas	2h	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>
18.3.2025	Correcção de todo o trabalho	2h	<i>[Signature]</i>	<i>[Signature]</i>

OBS: esta ficha deverá ser entregue no final de cada sessão de orientação ao Departamento de curso Pós-Laboral da Direcção Científica (versão 1. 2019).

Nampula, 30 de Maio de 2025

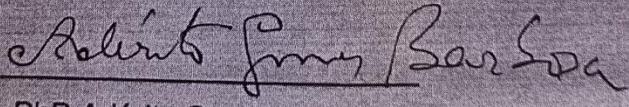
Anexo 4: Declaração de Conformidade

Declaração de Conformidade

Declaro que a Dissertação intitulada por: **Impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na escola básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, 2022 – 2023**, elaborada pelo estudante **Rodrigues de Castro**, do Curso de Mestrado em Administração e Regulação de Educação (MARE-3), cumpre os requisitos definidos pelo Manual de Orientação de Dissertação nº 03 da Academia Militar “Marechal Samora Machel” e encontra-se em condições de ser apreciada por um Júri e ser apresentada publicamente.

Academia Militar, 30 de Maio de 2025

O Orientador



PhD Adérito Gomes Barbosa

ÍNDICE REMISSIVO

A

APRENDIZAGEM

9, 10, 12, 15, 17, 18, 19, 22, 24, 33, 45, 46, 50, 55, 63, 67, 69, 70, 73

C

CATEGORIA

41, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62

COMPORTAMENTO

20, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 35, 47, 50, 55, 59, 60, 61, 65, 66, 77

COMUNIDADE

10, 14, 15, 17, 18, 20, 26, 29, 32, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65

CONTEÚDOS

10, 14, 15, 18, 22, 23, 29, 45, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 62, 66, 67, 73, 74, 76

CRONOLÓGICA

10, 12, 21, 32, 45, 47, 51, 57, 58, 59, 61, 66, 67, 73

CULTURA

10, 17, 25, 26, 27, 28, 36, 45, 48, 49, 50, 59, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 73

CULTURAL

10, 12, 13, 20, 21, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 47, 49, 50, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 65, 66, 69

E

EDUCAÇÃO

9, 10, 12, 13, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 33, 35, 39, 42, 45, 46, 47, 50, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75

ENTREVISTADOS

45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 77

ESCOLAR

10, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 33, 40, 41, 43, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 70, 76

ÉTICA

10, 12, 17, 34, 35, 36, 39, 45, 50, 59, 60, 61, 65, 70, 71, 74

F

FORMA

12, 13, 15, 18, 19, 22, 23, 25, 28, 30, 31, 32, 34, 38, 41, 45, 48, 56, 60, 65, 66, 73

FORMAL

15, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 62, 66, 68, 69, 70

H

HOMEM

12, 13, 14, 15, 20, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 46, 47, 49, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61, 65, 66

I

IDADE

10, 12, 13, 15, 20, 21, 29, 30, 32, 45, 47, 50, 51, 52, 53, 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 73, 74

INSTRUÇÃO

17, 18, 20, 31, 32, 39, 45, 46, 50, 55, 57, 58, 59, 62, 65, 73

INTENCIONAL

19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 36, 66

L

LOCAL

10, 23, 26, 38, 39, 40, 41, 47, 53, 57, 58, 59, 62, 67, 75

M

MODO

10, 15, 17, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 34, 48, 49, 51, 55, 56, 62, 66, 67

MORAL

10, 12, 15, 17, 20, 26, 27, 28, 34, 35, 36, 45, 60, 61, 66, 74, 75

P

PEDAGÓGICO

10, 41, 43, 52, 53, 57, 58, 61, 62, 63, 67, 76, 77

PESQUISA

7, 13, 14, 15, 17, 27, 38, 39, 40, 41, 45, 62, 65, 67, 69, 71

PRÁTICA

12, 13, 17, 20, 25, 28, 30, 38, 45, 46, 49, 50, 57, 61, 65, 66, 74, 75

ÍNDICE REMISSIVO (continuação)

PROCESSO

9, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 39, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 73

Q

QUESTÃO

14, 18, 39, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 69

R

RAPARIGAS

8, 12, 13, 14, 20, 30, 31, 32, 43, 45, 51, 53, 59, 62, 66, 67, 73, 74, 77

REALIZAÇÃO

8, 15, 17, 39, 40, 45, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 74

RELAÇÃO

12, 25, 27, 32, 34, 36, 45, 46, 51, 55, 59, 60, 65, 66, 73, 74, 75

RURAIS

10, 12, 15, 18, 19, 25, 32, 33, 36, 45, 47, 48, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66

S

SEXUAL

10, 12, 19, 26, 28, 30, 32, 33, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 65, 66

SOCIAIS

12, 19, 23, 25, 26, 27, 28, 33, 34, 39, 41, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 60, 61, 65, 66, 74

SOCIEDADE

10, 13, 14, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 39, 45, 46, 47, 48, 50, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 69, 73, 74, 75

V

VALORES

12, 13, 17, 20, 25, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 35, 38, 46, 47, 48, 50, 52, 55, 59, 60, 65, 66, 67

VIDA

10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 60, 65, 66, 67, 69, 73

Z

ZONAS

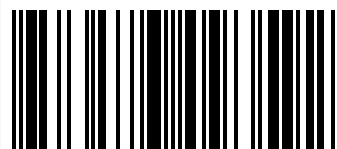
10, 12, 18, 19, 25, 32, 33, 34, 36, 43, 45, 47, 48, 49, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66

IMPACTO DOS RITOS DE INICIAÇÃO FEMININA NO ENSINO BÁSICO DA ZONA RURAL: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA BÁSICA DE TERRENE, POSTO ADMINISTRATIVO DE IMALA, 2022 - 2023

A presente dissertação discute a temática sobre o "Impacto dos ritos de iniciação feminina no ensino básico da zona rural: um estudo de caso na Escola Básica de Terrene, Posto Administrativo de Imala, 2022 - 2023, o intuito era de analisar o impacto deste ritual cultural e tradicional, tomando-o como foco as consequências que possam repercutir na sociedade, na vida política, social, profissional e académica das alunas após a submissão no processo. Nele, foi usado o método qualitativo de natureza explicativa. Tratou-se de um estudo de campo envolvendo 8 pessoas através da entrevista semi-estruturada, observação-não-participante e análise documental.

Neste contexto, percebemos que os ritos de iniciação feminina nas zonas rurais têm efeitos positivos por um lado, uma vez que prepara as meninas para uma vida sociocultural aceite na comunidade (respeito ao próximo, quebra de mitos sexuais, higienização corporal, etc. e fatais por outro, uma vez que os estimula a vulnerabilidade sexual, as uniões e grávidas precoces, desistência escolar, fraco aproveitamento pedagógico, etc. Dai que, foram deixadas sugestões para o Governo, a Escola e a Sociedade em geral. De igual modo, foram sugeridas algumas estratégias consideradas eficazes como a calendarização do processo, a definição da idade cronológica mínima, normalização do processo, necessidade de criação de taxas de cobrança, da necessidade de higienização, a construção de centros de promoção da cultura, a selecção e transmissão de conteúdos construtivos e a capacitação das matronas locais para a melhoria do processo que devem ser observadas pelo Governo local assim como a sociedade civil.

ISBN



9-786-58309-3592